

ANA MASCARENHAS

silêncio denunciado - silêncio denunciado - silêncio denunciado



Diego Martínez Lora, Editor

Reservados todos os direitos
de acordo com a lei em vigor.

©Ana Mascarenhas

Torre de Gente
Maio 2012

Capa, composição gráfica, foto:
Diego Martínez Lora
Esther Slotboom

Diego Martínez Lora (editor):
Rua da Pedra Alta 238
4400-543 Vila Nova de Gaia - Portugal
tel. 22 7722609 - 93 6628540
diego@diegomartinezlora.com
diegomartinezlora@gmail.com
site: www.torredegente.com

Título: Silêncio denunciado
Autora: Ana Mascarenhas

ISBN: 978-972-96996-5-8
Impressão: Publidisa
Depósito legal:



PREFÁCIO

Quando tive a honra de ser convidado a ler estes textos antes de serem editados, deparei-me com a dificuldade que todos temos de encarar/enfrentar estas realidades, que de tão grosseiras, são incompreensíveis. Nenhum destes temas que Ana Mascarenhas nos trás é de fácil leitura, muito menos compreensão, mas é um sério alerta para que não deixemos que continue a acontecer em qualquer parte do planeta escondida por uma falsa justificação religiosa ou tradicional, está na hora de todos os seres humanos se unirem a favor de uma erradicação deste tipo de comportamentos que em nada dignificam o ser humano.

As crenças são sem dúvida a alma de um povo e por conseguinte do ser humano, o que só por si pode ser elucidativo e pode de alguma forma explicar as atrocidades que ainda se cometem contra as mulheres, contudo não podem nem devem ser justificação para tais atos.

Atrocidades, que incompreensivelmente continuam a fazer parte de algumas culturas e que deveriam ser erradicadas, não com atos evasivos ou violentos ou ainda condenativos, mas reeducando alguns item's destas culturas, nomeadamente no respeito a ter pela mulher.

As tradições a meu ver são a forma de perpetuar, os erros dos nossos avós sem questionarmos o porquê dos mesmos. Na geração dos meus pais, algumas mulheres não tinham voto na matéria sendo por vezes agredidas sempre que algo não corria como o “chefe de família” queria, não foi há tanto tempo assim e ainda hoje muitos adolescentes pensam desta forma pelos exemplos que vêem e que lhe são transmitidos.



Em 2010 o número de denúncias de violência doméstica contra as mulheres era de 31.235, sendo que em 2008 o número de mulheres mortas por violência doméstica era de 40 e em 2011 quase que duplicaram.

As atrocidades cometidas vão desde a simples expulsão da família ao apedrejamento, queimadura com ácido, corte do clítoris, desfiguração do rosto, escravatura e assédio sexual, como se de um ser amorfo se tratasse, sem dor e sem sentimentos, como se não fosse um ser humano, como se o homem fosse dono e senhor da sua existência.

Este livro trás à luz tudo o que de pior existe no nosso íntimo e nos afasta dos outros animais.

Somos os únicos animais que odeiam outros da mesma espécie e razões não faltam, odiamos seres humanos de outros lados do planeta, odiamos seres humanos de outras cores, odiamos seres humanos de outras religiões, odiamos seres humanos que não pensam como nós, como se nós fossemos a essência da sabedoria universal. Inventámos religiões e guerras, conseguimos ser o melhor e o pior do planeta. Está na hora de nos unirmos para dizer “já chega”, “basta”, sejamos apenas... humanos.

Silêncio denunciado é uma homenagem a todas as mulheres que padeceram e padecem perante a ignorância, o ódio e a insensibilidade.

Luís Fernando Graça

Artista Plástico

editor/director administrativo da Revista Novos Talentos

Por vezes palavras tão simples
conseguem alimentar a nossa alma,
fazendo delas o nosso refúgio,
mas, também,
a nossa maneira de estar na vida,
a nossa postura perante a sociedade
e a nossa vivência perante o mundo,
por isso,
é preciso coragem para calar
até o próprio silêncio,
porque o silêncio não cala,
mas sente...

Ana Mascarenhas



PALAVRAS PRÉVIAS

Não vou mentir! Estas palavras compiladas agora em livro custaram-me muito a escrever, houve momentos em que tive que parar porque a personagem que estava a compor me fazia doer, sentia-a como se fosse eu, vivia-a e por isso, obrigava-me a parar, para sair da história, porque a dor era grande, imensa... logo, não é um livro cor-de-rosa, mas, também não é um livro de ficção, embora os seus factos sejam histórias contadas, vividas e presenciadas por muitos, foram sempre silenciosas, assim, antes é uma literatura de intervenção, um apelo ao grito, mas não aquele que é calado e sim àquele que se ouça, ou se faça ouvir, nem que seja no silêncio da noite, mas é uma súplica, um pedido, uma história com várias histórias, por isso, é uma vida que representa várias vidas, em vários locais e com várias práticas.

Não foi necessário nomear nenhum País, nem um Continente, muito menos uma Fronteira, porque os Quatro Cantos do Mundo estão presentes pelas suas práticas, costumes e ditas culturas, pelas suas atrocidades, hábitos e dores, pelos seus habitantes, pelas suas terras, pelas suas vestes e pelos seus odores.

Também não foi necessário criar muitas personagens, uma representa o tudo e o todo. Representa a Vida dita Humana, o Sonho e a Besta, a Realidade e a Frontalidade, a dor, o sofrimento, a luta, a conquista, a desordem ou o caos. Representada pela sua vida, a oposição é o seu sonho, a Grandeza e a mesquinhez, respectivamente.

Não evoluímos, nada crescemos, nada compreendemos e quando me dizem que muito se fez, que a evolução humana se concretizou, ou... vai-se concretizando,



apenas fico a pensar, questionando-me, frontalmente: será?! Não acredito! A evolução apenas se dá de forma materialista, o crescimento desenvolve-se de aparências, joga-se com as vidas e confunde-se Cultura com dor, com flagelo e prazer de ver sofrer.

Por isso, o poder continua instituído, o poder sobre os mais frágeis, a ganância, a arrogância, o facilitismo e a mentira. São tudo estados que habitam nos vários Estados, uns de uma maneira, outros de outra, uns através de práticas ditas culturais e outros apenas por maldade, pelo simples facto do prazer se fazer através da dor alheia.

Onde está a evolução humana? Na substituição da máquina pelo homem? No poder sobre os mais frágeis? Nas diferenças ditas culturais mas que não passam de desculpas esfarrapadas para que o poder não lhes seja retirado? Onde?! Onde é que evoluímos? Em nada!

Não soubemos e continuamos a não saber crescer como pessoas, não soubemos e continuamos a não saber fazer jus à palavra “humana”, aquela que se diz racional mas que consegue ser mais Besta que a própria Besta.

Afinal, somos isso mesmo, Bestas apelidadas de Humanas. Somos a vergonha porque tudo sabemos e nada fazemos, porque tapamos os olhos e os ouvidos, porque viramos a cara quando nos faz doer, porque todo o mal que acontece não acontece por perto ou connosco, porque somos assim, egoisticamente comodistas...



MUTILAÇÃO GENITAL

Nasci no seio de uma família humilde.

Os meus pais tinham já demasiados filhos e filhas para se preocuparem comigo como se eu fosse a única, afinal, era mais uma, era mais uma boca para alimentar, mas era também mais uns braços para trabalhar.

Vivia numa casa sem tecto mas com chão em terra batida, uma casa sem cantos mas com camas em esteira, uma casa sem divisões mas com cortinas abertas, uma casa em palha que nos acolhia do calor e do frio, sem nos refrescar ou aquecer.

Logo cedo aprendi as tarefas da aldeia, vivíamos em comunidade e todas éramos unas. Todas nós, mulheres, trabalhávamos para toda a comunidade. Eu ia ao rio buscar água, amassava farinha com as mãos, sacudia o pó da terra às esteiras, para de seguida as colocar novamente em terra batida, levava os nossos trajes para o rio e lavava-os, enfim, fazia o que todas faziam, fazia o que me mandavam, o que me ensinaram, mas nada dizia, falava ou protestava, era assim e ponto.

O meu corpo era vestido com uma saia feita de palhinha, pouca roupa o meu corpo pedia, pois o calor do dia era suficiente para aquecê-lo, no entanto, à noite o corpo era aquecido pelo calor da fogueira feita com o propósito de alimentar o corpo, mas também a Alma.

Os dias passaram e eu fui crescendo sem saber o que era ser criança, sem saber o que era ser feliz, mas também não me importava, pois não sabia o que era a tristeza, como poderia saber então o que era a alegria?



Um dia, não me recordo bem a idade que tinha, fui levada pela mão da minha mãe para uma aldeia perto da nossa. A manhã ainda estava a nascer mas, essa aldeia parecia estar em festa. Andavam muitas mulheres a entrar e a sair de uma pequena palhota, levavam alguidares cheios de água para junto de uma larga e grossa pedra no meio do nada, levavam também trapos e mais trapos e estavam de alguma forma caladas entre si.

A minha mãe levou-me para dentro dessa palhota, onde tantas outras crianças também se encontravam. Os seus olhares eram iguais ao meu, tristes. Nunca soube muito bem o porquê de olhares tão tristes em tantas crianças, mas eram os nossos olhares, eram a nossa Alma. Reparei que éramos todas meninas, não havia um único menino. Mas a curiosidade em mim não habitava, por isso, nada dissera, nada perguntara.

As horas passaram e, pouco depois, a minha mãe entra e leva-me novamente pela sua mão, fomos ter à tal pedra larga e grossa no meio do nada. A minha mãe colocou-me em cima dela, pegou-me nos braços e levantou-os para cima, uma outra mulher agarrou-me fortemente a cabeça e colocou-me um trapo entre os dentes, umas outras, abriram-me as pernas e cada uma segurou-me uma perna, dessa forma jamais me poderia soltar, fiquei presa sem grades e sem cordas, apenas as mãos alheias a mim, se tornaram na minha única prisão. Tudo aquilo me parecia estranho mas, ao mesmo tempo novo. O facto de me prenderem assustou-me de tal modo que queria gritar e não conseguia, tinha um trapo na boca, olhava para a minha mãe suplicando-lhe com o olhar que me soltasse, que algo me iria acontecer, que ela me defendesse, me ajudasse, mas nada. Fiquei deveras assustada, mas não soltei qualquer lágrima, pois, não sabia chorar, não sabia o que isso era, apenas os meus olhos tristes me denunciaram apavorada.

Passado pouco tempo vi uma outra mulher aproximar-se com algo nas suas mãos que, não consegui perceber o que era e, de repente, apenas do nada, senti uma dor



que me atravessou o corpo, rompeu-me a Alma, devorou-me os sentidos e esventrou-me por dentro. A dor foi tão acutilante que antes mesmo de fechar os olhos, apenas me lembro de ver que me encontrava imunda em sangue.

Quando acordei estava já na minha casa sem tecto mas com chão em terra batida, sem cantos mas com camas em esteira, sem divisões mas com cortinas abertas, a tal casa em palha que nos acolhia do calor e do frio, sem nos refrescar ou aquecer, estava novamente na aldeia que me viu nascer.

Encontrava-me deitada numa das esteiras. Estava demasiadamente quente, transpirava e suave pelos poros da minha pele semi-escura e, assim fiquei, alguns dias, semanas até. Os dias passaram e eu ali continuava, inerte, sem vontade de crescer, sem vontade de viver. No entanto, numa noite e sem saber porquê, acordei, senti o que tantas vezes me acompanhou desde aquele dia em que me mutilaram, senti que já não queria viver, senti que me tinham roubado algo que eu própria não sabia o quê, mas senti que era meu e, do meu corpo o tiraram. Nessa noite em que acordei inquieta, levantei-me e comecei a caminhar sem destino, caminhei, caminhei e, estava já sem forças quando o dia amanheceu, mas mesmo assim, não parei. Continuei a caminhar sem comida ou bebida, tinha os meus pés já em ferida de tanto caminhar. Caminhava e falava, parecia que alucinava, que não era eu, era alguém que eu via mas não era eu, era alguém que suplicava, era a dor da solidão e do desamparo, que apenas olhava sem saber o que fazer ou dizer.

Não sabia onde me encontrava, apenas via um horizonte sem fim à vista. Passava pouco do meio-dia, pois o Sol assim o ditava. Sentei-me à beira de uma árvore e descansei um pouco, penso até que devo ter adormecido de tanto cansaço que sentia. Quando acordo, é novamente noite, levanto-me e novamente caminho sem destino. Pelo trilho alimento-me com uns frutos que vou apanhando aqui e ali, mas nada bebo, a minha boca pedia água, o meu corpo estava imundo em sede, mas continuei a



minha caminhada sem saber para onde ia, para onde me dirigir e, até, onde ficar.

De repente, ouvi um barulho estranho, um barulho que nunca os meus ouvidos tinham ouvido. O barulho tornou-se cada vez mais próximo e, quando olhei era algo com rodas que mais tarde vim a saber, se chamar carro. Dentro dele estavam dois homens. Falaram comigo e eu nada disse, viram-me num estado deplorável e colocaram-me dentro daquela coisa com rodas. Adormeci mal aquilo começou a fazer novamente barulho, era um barulho que não me acordava e apenas os sentidos adormeciam. Estaria a delirar ou realmente a presenciar o que se estava a passar? Não sei, mais tarde o tempo ditou que estava a sonhar, delirar e, também, a viver acordada...



VENDIDA

Quando acordei (supostamente) foi no momento em que deixei de ouvir o barulho daquela coisa com rodas. O silêncio em vez de me adormecer acordou-me, como se a avisar-me que tínhamos chegado. Não sabia muito bem onde estava, mas sabia que estava longe, muito longe da aldeia que me viu nascer mas, igualmente, da aldeia que me quis matar, matou-me a vontade de viver e apedrejou-me a Alma, com lâminas de pontas afiadas.

Os dois homens que naquela coisa de rodas me trouxeram, levaram-me para dentro de uma casa feita de pedra, esta, tinha pequenos buracos no formato de quadrados que nos permitia ver de dentro para fora. Eram pedras grossas que transformavam as paredes nuas, num silêncio falado, igualmente, de dentro para fora. As casas eram todas pegadas umas às outras, havia escadas igualmente de pedra entre as mesmas e, reparei que também ali, as mulheres trabalhavam sem parar, vi umas com bilhas na cabeça a transportar água, outras a fazer comida no chão, as diferenças não eram muitas, excepto uma, as mulheres estavam vestidas dos pés à cabeça, deixando apenas os olhos de fora, uns olhos que se desnudavam igualmente pela tristeza que os mesmos acusavam. Vim a saber mais tarde que o nome daquela estranha veste se chamava “*Jibab*”, havia outra de nome “*Burka*” que até os olhos cobriam, não mostrando rigorosamente nada do corpo feminino, tendo este último, uns buraquitos para a mulher poder ver e igualmente respirar.

Sei que durante muito tempo fui tratada por várias mulheres para ficar pronta de forma a ajudar nas tarefas desta nova aldeia. Era outra vez uma nova boca para alimentar e os meus braços precisavam novamente de



forças para trabalhar. Aos poucos, fui ficando curada do corte na boca do corpo e os meus pés começavam a ganhar vida, assim como, o corpo parecia querer renascer.

Assim, aprendi as tarefas que eram destinadas apenas às mulheres, fui vivendo calada, sem chorar e desnudando-me apenas nos meus olhos tristes.

Os dias passaram, as semanas, os meses e também os anos. Até que chegou uma altura em que me disseram para começar a vestir aquele traje de nome “*Jibab*”. As mulheres ensinaram-me a vesti-lo e deram-me ordens para cumprir escrupulosamente cada instrução dada, sob pena de vir a sofrer as consequências, caso descuidasse alguma delas. Uma das muitas regras era não mostrar nada, mas mesmo nada do meu corpo a não ser os olhos, outra era não olhar para nenhum homem a não ser aquele que um dia seria o meu “dono” e esse olhar, apenas poderia ser feito na intimidade pois, mesmo sendo o meu “dono”, mesmo que este dormisse comigo, eu jamais poderia dirigir-lhe a palavra em público ou, olhar directamente para ele igualmente em público. Foram-me dadas indicações que me assustaram, eram novas para mim, e também, não sabia muito bem o porquê de só agora me dizerem para começar a vestir aquele traje. Mais tarde, soube que foi porque passei a ser mulher pois, o sangue começou a escorrer-me pela boca do corpo, sempre na mesma altura do mês e sem falhar mês algum. Assim o fiz, cumpri escrupulosamente cada regra, cada indicação dada pelas outras mulheres com medo do que me pudesse acontecer. Estava atenta a tudo, como se pressentisse que algo poderia mesmo ocorrer, caso eu descuidasse de forma ingénua alguma das muitas advertências que me fizeram.

Fui crescendo e fui-me tornando numa linda mulher. Os meus olhos eram verdes, a minha pele semi-escura contrastava com os meus tristes e lindos olhos, os meus cabelos embora escondidos eram pretos ou seriam castanhos? Não me recordo. Mas tinha uma enorme dificuldade em escondê-los dentro do traje, demorava



sempre algum tempo para me certificar de que nada estava a nu, alguns cabelos semi-encaracolados teimavam em soltar-se e eu... eu mais teimosa era, por isso, perseguia-os escondendo-os cada vez mais. O medo habitava em mim de forma permanente. Este passou a ser o meu companheiro diário, quer fosse noite, quer fosse dia, era o medo que me acompanhava nas idas ao rio, nas subidas das escadas feitas de pedra para à casa igualmente de pedra chegar, enfim, nas minhas obrigações femininas, nos meus deveres quotidianos, nas minhas imposições diárias.

Um dia chegou à casa de pedra um homem forte que aparentava bem o peso da idade, usava uma espécie de vestido branco, aliás, como todos os outros homens que por ali andavam, essa veste chamava-se “*Thoub*”, muitos deles usavam também um “*Takiah*”, um mini «boné» sem aba usado para cobrir o cabelo, muitas vezes usado em ambientes religiosos onde as mulheres não podiam entrar.

Recolhi-me de imediato para o quarto de pedra fria, e despido de qualquer ornamento que pudesse embelezar a rusticidade daquele local. Ouvia as vozes dentro de casa, apenas vozes masculinas, o silêncio das mulheres era totalmente calado, apenas as mãos falavam trabalhando. Propositadamente entram no meu quarto mãe e filha, ambas vestidas de igual modo, ordenam-me que me apronte o melhor que puder, me arranje mais ainda, por forma a não desnudar nada do meu corpo, nem mesmo os olhos poderia desvendar. Assim o fiz e, aguardei serenamente e sempre acompanhada do medo, neste quarto de pedra fria sem saber o que viria.

O tempo foi passando e entram novamente mãe e filha. Desta feita, levam-me para uma outra divisão da casa. Uma divisão onde se encontravam os homens a falar, o homem da casa e o homem forte que aparentava bem o peso da idade. Por entre os buracos da “*Burka*” pude ver o homem da casa com um saco nas mãos, aparentemente com algum peso. Um sorriso algo malicioso ocupava a



cara do homem forte que aparentava bem o peso da idade. O medo começou a fazer-me mais companhia do que eu desejava, como se no meu corpo entrasse e dele não mais quisesse sair. Era como se o medo se estivesse a esconder do próprio medo, era como se eu tivesse que cuidar do medo, por ele estar constantemente comigo e nunca me largar. Juntámo-nos os dois, eu e o medo, e ali permanecemos à espera de algo, não sabíamos o quê, mas sabíamos que algo era.

O homem forte que aparentava bem o peso da idade pegou na minha mão e saiu pela porta que entrou, mas desta vez, ao contrário da entrada que tinha sido feita sozinha, saiu acompanhado de mim. O medo, esse, não se desmanchou e comigo foi também, queria à viva força que eu o abrigasse, nem que fosse por baixo da “*Burka*”, mas tinha que se sentir protegido, não sei do quê, mas preservado.

Descemos as escadas de pedra fria, o homem à frente e eu atrás, nunca lado a lado, muito menos à sua frente, pois deveria manter a minha posição traseira. Entrámos para o carro. Depois de alguns anos habituei-me ao seu ruído e já não dizia “algo com rodas” mas sim, carro. O ruído aumentou e percebi que me afastava lentamente da casa feita de pedra, com pequenos buracos no formato de quadrados que nos permitia ver de dentro para fora. Deixava uma vez mais uma aldeia, esta, que me acolheu quando adormecida e entorpecida estava, que me mostrou um outro mundo, um mundo totalmente desconhecido para mim, mas, também assustando-me de igual modo, como a aldeia que me viu nascer me assustou, matando-me a vontade de viver e apedrejando-me a Alma com lâminas de pontas afiadas.

Andámos durante dois dias e três noites, parávamos apenas para comer e descansar. Nesse tempo perdido no próprio tempo, também eu me perdia nos meus pensamentos, nos meus receios e medos que comigo habitavam e pernoitavam.



Quando chegámos a uma outra aldeia, reparei numa agitação perfeitamente normal que parecia ao local pertencer. As pessoas andavam de um lado para outro, atarefadas, os homens ficavam encostados à parede ou sentados a mascar algo verde, as mulheres estavam sempre carregadas ou com sacos ou com vasilhas, as crianças, essas, brincavam no meio da inocência que se avizinhava começar a ficar escassa, pois, a idade ditava que também ela, a inocência, neles deveria abandonar.

Mais tarde soube o que me acontecera, afinal, tinha sido vendida. Não era nada que actualmente me espantasse, pois, nesta aldeia que me abrigou e me acolheu quando adormecida e entorpecida estava, vivenciei muitos pais venderem as suas filhas ainda muito novinhas, meninas sem amparo que queriam apenas ser meninas, ser crianças, mas o dinheiro falava sempre mais alto e a desculpa era da crença.



VIOLADA

Mais uma vez, uma nova aldeia, uma nova vida, mas também uma nova aventura, ou deveria dizer tortura?! O medo que se aliou a mim estava sempre em alerta máximo, habitava em mim e de mim cuidava, avisava-me quando deveria ou não escondê-lo para não denunciá-lo.

Aqui, as casas eram diferentes da primeira e da segunda aldeia. Eram casas construídas com aparência de casas em formato de prédio, nelas viviam famílias e famílias, todos se conheciam, todos se falavam, mas apenas e, uma vez mais, a razão era dona do homem, as mulheres obedeciam a ordens como se de objectos se tratassem. As vestes eram iguais às da segunda aldeia, mas eu continuava a não entender o que ali fazia.

Desde que me mutilaram, desde que da aldeia que me viu nascer saí, que perdi a minha identidade, ora tinha um nome ora outro, ora estava semi-vestida ora estava totalmente vestida, ora habitava numa aldeia ora noutra. Entre a última aldeia e esta existia apenas uma constante, o silêncio das mulheres, um sofrimento cúmplice apenas denunciado pelos seus olhos que eram da Alma. E, uma vez mais, fiquei num quarto estranho, este, com sabor a quarto, aparentemente, pois, tinha uma cor diferente, pelo menos não era branco e de parede caiada e, tinha uma cama com um colchão. Era diferente do quarto da segunda aldeia que tinha uma cama feita de pedra coberta de palha e, da aldeia que me viu nascer que tinha apenas uma esteira no chão. Este pelo menos tinha um colchão, iria sentir pela primeira vez a leveza de dormir num sítio com aparência de quarto.



Os dias passaram mas o medo não, este aumentou à medida que ia descobrindo os costumes desta nova terra, sabia que na aldeia que me viu nascer as crianças eram prometidas cedo, aqui a diferença não é nenhuma. Fiquei deitada e perdi-me no meio dos meus pensamentos, adormeci, acho, pois sonhei com uma civilização que desconhecia mas sabia que existia, não me perguntem porquê, não saberia responder, mas sonhei... foi assim:

Acho que tinha mais ou menos 7 anos. Diziam que eu era bonita, que me iria tornar numa linda mulher...

Quando fiz os meus 15 anos vieram buscar-me. Vi os olhos do meu pai sem lágrimas, a minha mãe, apenas escondia as lágrimas e nada dizia, acomodou-se de tal modo que, aquilo já fazia parte da sua rotina, é como se estivesse anestesiada de tanta dor que nada mais conseguia sentir.

Também eu não chorava, não sabia o que isso era, é como se o choro fosse a maior banalidade, e de nada adiantaria esse sentimento que em nada nos ajudava. Apenas sabia ter este olhar triste, mas mesmo assim não sabia que era triste, disseram-me mais tarde.

Não sabia para onde ia nem com quem ia.

Quando cheguei a uma linda e pacata aldeia, esperavam-me várias mulheres trajadas com lindos “Saris” de cores azuis celeste e verde esmalte, de cores rosa choque e outras de amarelo Sol, estavam impecavelmente bem vestidas e limpas mas, sobretudo, eram mulheres de uma beleza trabalhada artificialmente. Reparei no primeiro instante que, estava no meio da inveja e da cobiça.

Logo, logo, pegaram em mim tapando o nariz com as mãos. Enfiaram-me numa espécie de balde em ponto grande e deram-me uma lavagem dos pés à cabeça.



Estava assustada, nunca tinha experimentado o banho, mas também, não sabia o que era chorar, por isso, apenas estava assustada sem nada dizer, sem um gemido soltar. Apenas os meus olhos me denunciavam triste e apavorada.

Depois de um banho trabalhoso e de um bom corte de cabelo, não senti a menor dúvida que me sentia bem, o susto tinha valido a pena, aprendi com medo o que era a higiene.

Estava cheirosinha e naturalmente bonita, sem qualquer maquiagem, sem qualquer artifício que pudesse estragar a minha natural beleza.

Bateram à porta do quarto onde me encontrava com mais duas mulheres e, levaram-me para um enorme salão. Este tinha uma grande mesa no centro que estava recheada de comida, a abundância era farta, nada faltava, vi tanta comida que cheguei a temer obrigarem-me a comer aquilo tudo. Sentaram-me numa ponta da mesa. Pouco depois chega um homem com bom porte, este, sentou-se na outra ponta da mesa.

Ele fez sinal para me servirem e eu ali fiquei, quieta, sem me mexer à espera de saber o que fazer. Uma mulher segredou-me ao ouvido: - come! E, eu olhei para ela como se a perguntar: como? isto tudo? A comida nunca foi farta na casa de onde vim e achei algo estranho ter que comer o que não conhecia.

Iniciei este processo igualmente novo e, uma vez mais, fiz aquela figura medonha de gente inculta. Comecei a comer com as mãos e a devorar cada pedaço que no meu prato estava, comia com a boca aberta, rasgava a carne com os dentes, enfim, parecia um autêntico animal.

- Stop!

Ouvi e, parei de imediato, como se estivesse a fazer algo que afinal não era para fazer, fiquei tão confusa que não sabia o que fazer e, ainda por cima, não sabia chorar, apenas aquele olhar triste uma vez mais me denunciava.



O olhar do homem de bom porte riu-se só de me ver e, ao mesmo tempo, enraivecido mandou-me subir de imediato para o quarto.

Ao anoitecer deitei-me no chão, não sabia o que era uma cama e não sabia se aquilo era uma cama mas, logo, logo, as mulheres que comigo estavam disseram-me para me deitar naquela coisa de nome cama pois, ela não me iria morder. Assim o fiz e, uma vez mais, estranhei a leveza em vez da dureza, o cheiro a lavanda em vez do cheiro a terra, a maciez em vez da rigidez, tudo me soube bem, menos os olhos do homem de bom porte.

Aos poucos e poucos fui aprendendo a saber viver nesta casa que mais parecia um casarão de uma pequena aldeia que dela fazia parte, assim, como, nela parecia mandar.

Fui crescendo e fui ficando igual às primeiras mulheres que me acolheram, mas apenas no físico. As pinturas começaram a fazer parte de mim, os “Saris” bordados a ouro também, os odores de especiarias doces eram uma constante, enfim... tornei-me a cobiça ainda virgem por desbravar, por isso, diferente, pois os meus olhos continuavam tristes e eu sem saber porquê.

Um dia o homem de bom porte de mim aproximou-se e apenas me disse:

- Estás pronta!

Eu sem saber o que aquilo queria dizer, não liguei. Nesse dia, todas as mulheres daquela casa que mais parecia um casarão estavam atarefadas, andavam de um lado para outro, abriam janelas, perfumavam a casa, arejavam-na com flores, parecia uma autêntica rebaldaria, tudo muito agitado, tudo muito atarefado.

Quando a tarde cai, levam-me para cima e fazem-me o já habitual ritual. A higiene nocturna. Contudo, desta vez não me vestiram uma camisa de seda branca para me deitar na coisa de nome cama, desta vez, pintaram-me os



pés, desenharam-me lindas flores nas mãos e, um “Sari” transparente vesti, denunciando assim, as minhas curvas, a minha silhueta que para muitos era mágica, era nobre.

Desci e quando desci para o salão fiquei deslumbrada, pois em dois anos que já vivia naquela casa nunca o tinha visto tão ornamentado como hoje, a mesa, aquela enorme mesa onde aprendi a comer estava coberta com uma linda toalha branca bordada. Pediram-me que nela subisse e eu sem saber porquê subi.

O salão estava cheio, cheio de homens, todos eles de bom porte, mas homens que nada me diziam, nada me chamava para eles, nada, nada mesmo.

Comecei a ouvir música, uma música que me fazia mexer, que me fazia abanar as ancas, que me enfeitiçava, mas sempre de olhos tristes.

O homem de bom porte sobe igualmente para a mesa e começa a tocar-me sobre o “Sari” transparente. Eu deixei, afinal, sempre cuidou de mim e, neste tempo todo nunca me tratou mal, por isso, nele confiava. Ensinou-me as boas maneiras, ensinou-me a ser mulher bonita, embora, nunca tivesse conseguido transformar o meu olhar num olhar diferente, num olhar menos triste, assim como, nunca consegui transformar o olhar dele, que muitas vezes me assustava, num olhar meigo, no entanto, havia outras posturas nele que a ternura denunciava.

Mais tarde começam a chegar mulheres igualmente vestidas para arrasar, a casa deixou de ser apenas aquele salão para ser também pequenos quartos com constantes visitas, pequenos locais onde o prazer se sentia, se saboreava, se tocava, era o prazer pelo prazer. E eu continuava em cima da mesa onde aprendi a comer com o homem de bom porte, como se ele me quisesse testar, como se ele quisesse que eu presenciasse tudo o que naquele momento se estava a passar.



O vinho era a abundância, de igual modo, como o sexo com este ou com aquele, a comida a cair dos pratos de tão cheios que estavam, era igualmente farta, tudo nesta casa que mais parecia um casarão, era grandioso, majestoso, magnífico.

Depois de observar bem o que não me chocou, o homem de bom porte pegou na minha mão e desceu-me pelos seus braços, ficando a sua boca de frente para a minha, como se elas se desafiassem, tomassem vida própria e os nossos corpos fossem apenas os seus escravos.

Levou-me para uma outra divisão, uma divisão que desconhecia, era uma espécie de lago que depois vim a saber ser uma piscina, um lagar quente, um local onde se refrescavam os corpos que precisavam de se acalmar. Este enorme lagar tinha em cada ponta uma mulher trabalhada em pedra, que deitava entre os seus dedos água tépida, escorriam-lhes água cristalina por entre os dedos como se elas a quisessem agarrar, mas seria impossível, pois a água das mãos delas fugiam.

Deitei-me no meio dessa enorme cama de água e o meu “Sari” transparente desnudou-me ainda mais, deixaram transparecer os bicos das minhas mamas, o meu sexo virgem estava colado ao “Sari” e, o meu corpo abria cada vez mais o apetite ao homem de bom porte.

Ouvi um estalar de dedos e, repentinamente, ficámos apenas só os dois naquela imensidão de água azul. Não sabia o que me esperava, mas, ao mesmo tempo queria, não sabia bem o que queria, mas queria algo que me atormentava, não sabia explicar muito bem, era como se uma nova sensação na minha vida eu fosse provar.

Estava linda, linda e desejosa de ser desejada e não sabia porquê. O homem de bom porte queria à viva força que os meus olhos tristes desaparecessem, mas eu não sabia olhar de outra forma e, nesse instante, ele pega em mim e rasga-me o “Sari”. Fiquei assustada e rapidamente o desejo passou a pânico.



O homem de bom porte ao agarrar-me mostrando o que outrora sempre escondera, fez-me querer soltar um grito de pânico mas não saiu, queria fazer-me chorar de medo mas também não soube e, apenas os meus olhos tristes reflectidos na água viam o desfazer de um sonho que nem eu própria sabia que sonhara.

Senti-me ser penetrada como a força de um Leão, a dor que me rompeu foi demasiadamente forte, mas ainda assim não soltei um gemido, uma lágrima, um grito, apenas do meu corpo se soltou sangue de uma virgindade perdida à força. Era incessante o seu ser sobre o meu, a força e a brutalidade com que me agarrava os cabelos eram de uma acutilância sem fim, queria que o tempo corresse mas ele parecia estar parado, a dor aumentava e eu padeci, ali fiquei, inerte e sem forças, deitada numa água que outrora foi cristalina, e agora estava imunda de um veneno sem nome.

Acordei sobressaltada, tinha sido um sonho, mas estava toda suada, parecia tão real, tão sentido e verdadeiro o que sonhei que até as dores as senti, os odores e as fragrâncias, tudo, mas tudo senti, vivi... mas, afinal, foi apenas um sonho, ainda bem.

Os dias passaram e aquele sonho atormentava-me, perseguia-me de noite e de dia, não sabia porquê, mas algo era.

Um dia prepararam-me de forma mais arrojada, iria casar, diziam, lembrei-me de todos os pormenores, de todas as dicas, de todos os detalhes que na aldeia anterior me ensinaram. Estava apavorada, pois sabia que o casamento seria a minha prisão, mas uma prisão com grades, porque numa sem grades já eu há muito vivia. A minha cara totalmente escondida desconhecia a cara e o corpo do homem que me iria possuir.



O casamento deu-se de forma normal para esta gente, para mim não, que sei que a minha Alma a este mundo não pertence, mas acedi, com medo, é certo, mas com honra. A noite chegou e no quarto onde habitava uma cama, passaram a estar duas, uma colada à outra, como se fosse uma cama de casal. Depois da minha higiene nocturna deitei-me encolhida e, ao deitar-me, senti o medo que o sonho me fez sentir quando acordei. Agora percebo o significado daquele sonho, percebo o medo daquela mulher, percebo o que ela sentiu, porque sei que iria também eu sentir, iria sofrer o que no sonho sofri, o que no sonho senti. Estava tão encolhida e perdida nos meus pensamentos, que nem me apercebi que o homem com quem me casaram, já estava ao meu lado deitado, senti-o quando para ele me puxou. A força era tanta e tão descomunal que não consegui soltar sequer um gemido, quanto mais os olhos abrir, receava não sei o quê, temia e o medo que sempre comigo estivera, não me abandonara, agora parecia mais do que nunca estar dentro de mim, como se eu tivesse que o proteger ao invés de ser ele a proteger-me.

De olhos fechados senti tudo, mas tudo o que a mulher do sonho sentiu, afinal não tinha sido um sonho, foi bem real, não sabia o porquê do tormento, até agora, neste instante. A força e a brutalidade com que este homem me possuía era a força de um animal sem dono, enraivecido por algo que nem eu sabia o quê. Era a crueldade em pessoa, possuiu-me com tanta força e de todas as maneiras que ao me penetrar para além de me rasgar o hímen rasgou-me também o resto da boca do corpo. Estava imunda em sangue e dor, anestesiada com a dor da própria dor e, de olhos fechados as lágrimas não se soltavam, não sabia o que era chorar, por isso, não se soltavam, mas padeci de tanta dor, de tanta prece sem som, de tanta crueldade sem dom.

Todas as noites eram uma súplica para mim, suportava as dores de um animal que me possuía para seu belo prazer, já que o meu foi-me negado ainda em criança, mas, ainda assim e, mesmo que nada me tivesse acontecido, jamais



saberia o que era o prazer ao lado da crueldade que comigo todas as noites pernoitava. Fui incessantemente violada pelo homem que comigo casou, eu não era a mulher dele, era o objecto dele, era o brinquedo do seu belo prazer, era o depósito dos seus fluidos imundos e nojentos. E nada podia fazer, pois era o meu marido, era o meu “dono”, era a minha cruz.



O SONHO

Os anos passaram e a minha escravidão, a minha submissão como mulher acompanharam os anos que iam passando.

Um dia quando estava na feira a fazer as compras, olhei para um homem que me despertou a atenção por algum motivo, não sei ao certo o que ele em mim despertou, mas foi o suficiente para arriscar o meu ser enquanto pessoa. Havia qualquer coisa de misterioso nos seus olhos que me fascinavam, que me diziam ser a minha salvação, que me pediam e suplicavam que não mais parasse de olhar para eles. Lutava comigo mesma para que não me denunciasse, pois seria o meu fim. Sabia que era um homem ocidental, pelos seus cabelos claros e tez igualmente clara. O seu corpo era musculado e a voz era sensual, masculina, firme mas não brusca.

Todas as Quintas-feiras enquanto eu fazia as compras na feira, lá estava ele sentado na esplanada do café, escrevia e escrevia, olhava-me mas com cuidado, parecia que sabia que estava a infringir a “Lei”. Eu sentia-o e sabia que ele me sentia. Eu sentia-o a observar-me e eu sentia-me observada, não sei porquê mas gostava deste jogo que não era jogo e, se fosse, era como se à roleta russa jogasse, pois estava numa constante a colocar a minha vida em perigo, sabia que não podia olhar, nem sequer sonhar, pois se o medo me denunciasse seria o meu fim. Mas a paixão que em mim despertou era mais forte, agora, ao invés de ir apenas às Quintas-feiras à praça, fazia por ir às Terças e Quintas, assim, sempre me distraía das crueldades da vida.

Durante várias noites e depois daquele sonho revelador de uma realidade cruel, comecei a tomar mais atenção



aos sinais que me chegavam, aos sonhos, por assim dizer e, ultimamente, não sei porquê nem porque não, sonhava sempre com um outro sonho, talvez fosse novo agouro, novo aviso, algo que me dissesse, cuidado, mas era um sonho que parecia a continuidade do primeiro, não entendia este sonho, havia partes que eram iguais ao primeiro, outras que eram diferentes mas iguais à minha vida real, outras ainda que pareciam antever algo...

Estas minhas saídas às Terças e Quintas deveriam estar implicitamente ligadas ao sonho, só podiam, mas não sabia porquê, principalmente, porque sonhava sempre com cabelos compridos de um preto azulado lindo e, na mesma, com as mulheres vestidas de “Sari” que no primeiro sonho apareciam, era um sonho tão irreal quanto real... era um sonho que começava sempre da mesma forma, com o acordar dentro de um quarto, penteando os longos cabelos pretos azulados...

Acordei no quarto onde sempre estive desde que àquela casa cheguei. Estava sem forças e com vontade de desistir, deixei de ser menina mulher e passei a ser mulher vadia.

A minha natural beleza mantinha-se intacta apenas exteriormente, por dentro sentia-me apagada, enaltecendo cada vez mais este triste olhar que na vida sempre me acompanhou.

Houve um dia recheado de Sol, quando vi chegar à linda e pacata aldeia uma menina. Devia ter mais ou menos a mesma idade que eu quando ali cheguei. Calada recebi-a de igual modo como me receberam, dei-lhe banho, deixei-a cheirosinha e nada falava, não podia, queria avisar-lhe e ajudar-lhe a fugir mas, o medo era maior que a minha vergonha e, a vergonha era maior que o meu aviso.

Revi-me em cada passo nesta linda menina que estava ainda a florescer. Mal ela sabia o que a esperava mas, eu ainda não sabia tudo, esperava-me igualmente uma



outra surpresa que em mim abalou completamente o meu exterior, destruindo desta vez a minha natural beleza que apenas era visível a olhos e não nos olhos.

Com alguma frequência via o homem de bom porte receber visitas de homens diferentes de nós, eram mais claros, vestiam-se de forma diferente, acho que eram fatos e calças de ganga, camisas brancas, coloridas, estampadas, tudo, tudo nestes homens era diferente, até o seu cheiro, os seus sapatos e, por algum motivo que não sabia porquê, os cabelos eram soltos, não usavam turbante e, por vezes, apareciam com penteados em forma de rabo-de-cavalo como se fossem mulheres, eram de facto esquisitos nas suas vestes, sapatos e penteados.

Também com alguma frequência, assistia a várias mulheres saírem dali com os seus lindos cabelos lisos e pretos, presos de dia e soltos de noite mas, quando regressavam vinham sem qualquer cabelo, não sabia muito bem porquê, outras nem sequer as via regressar e, outras ainda, regressavam iguais mas prometidas a voltarem.

Foi numa dessas viagens sem nome que um dia me escolheram. Sentei-me no carro sem saber para onde ia e com quem ia, aliás, à semelhança de quando àquela linda e pacata aldeia cheguei. Parámos numa cidade imunda que parecia ser constantemente atropelada por pessoas que se esbarravam entre elas, caminhavam aparentemente sem destino, mas sempre com algo nas mãos, ou sacos, ou cigarros ou até, apenas, uma galinha.

Entrámos num local em tons azul claro, parecia um palácio e quando entrei vi filas e filas de mulheres à espera de algo, não sabia o que esperavam, mas esperavam caladas, em pé ou deitadas. Colocaram-me nessa fila e enquanto igualmente esperava, observava. Reparei que muitas saíam com as lágrimas nos olhos e já sem o seu lindo cabelo, mas ficava sem saber se choravam de alegria ou de tristeza. Umás pareciam chorar de alegria por de lá saírem com umas míseras moedas, outras de tristeza



com comida nas mãos e, outras ainda, que pareciam por lá andar há muitos anos e, por isso, era natural e pacífico sem o cabelo ficarem.

Mais tarde soube que o cabelo que nos tiravam era para alimentar adornos ocidentais que apelidavam de extensões, para que essas mulheres à custa de outras ficassem bonitas mas, sem se preocuparem de quem ficava sem os seus cabelos, apenas importavam-se com a sua estética, a sua beleza artificial, o seu porte, eram assim, as mulheres que se intitulavam evoluídas, era assim, o mundo que evoluía de forma retrógrada à procura da exploração do Homem pelo Homem.

Quando a máquina tocou na minha cabeça, estremei e, pela primeira vez, soltou-se uma lágrima dos meus olhos, não sabia como ela se tinha soltado, apenas se soltou e os meus olhos mais tristes ficaram. Aprendi a chorar.

O meu cabelo era lindo, comprido até às ancas, de um negro azulado sem igual, foi como se me tivessem novamente tirado de forma violenta a virgindade, a diferença, é que a dor deixou de ser íntima e física, para ser apenas íntima, por isso, quis nesta lágrima integrar-me e dela não mais sair.

Quando me senti sufocar na própria lágrima, acordei, estremeçada, mas acordei e, uma vez mais me questioneei, o porquê deste sonho. Não sei! Talvez fosse para me avisar de algo, para me acautelar igualmente de algo, não sei. A única coisa que sei, é que este sonho não me largava, todas as noites sonhava sempre mais um pedaço de história de vida triste, vivida sem vida, mas sonhava sempre um pedaço.

Mas acordei de alívio e, mesmo sem saber o significado do sonho, virei-me para o outro sonho, um sonho real, o homem do ocidente, aquele que me faz sonhar de dia porque de noite é ocupado com estes estranhos sonhos, como se me quisessem de facto avisar-me de algo.



O PARTO

Era Terça-feira, dia de ir à praça e, uma vez mais, lá estava o homem do ocidente sentado na esplanada do café a escrever e a meditar. Escrevia e escrevia. Gostaria de saber o que tanto ele escrevia, mas não me era possível, assim sendo, ficava com a curiosidade a fazer companhia ao meu medo, os dois por vezes lá se entretinham, e eu podia muito pontualmente respirar de alívio mas nunca descansada.

As compras estavam feitas, mas eu não queria ir embora, queria estar na companhia daqueles olhos que me aqueciam a Alma, me alimentavam o corpo, me protegiam do mundo. Queria estar sem estar, queria abrigar-me sem abrigo, queria e não podia.

Mas teve que ser, fui embora, estava na hora e nada me podia denunciar. Quando cheguei a casa reparei que tinha um dos meus caracóis por fora da “*Burka*”. Fui de imediato para o quarto arranjar-me antes que me vissem, fiquei em pânico, lembrava-me de todas as dicas e mesmo assim, desleixei-me com este pedaço de cabelo bem à vista das pessoas. Agora, já composta, fui fazer as minhas obrigações.

O meu pensamento fluía leve como um pássaro, sobre terras nunca visitadas, voava sobre aquele olhar que me alimentava o ego, enaltecia a beleza da mulher, já sem saber sequer o ser. Estava desejosa que fosse Quinta-feira, para poder novamente ir ao encontro daquele olhar que me fascinou, daquela visão que me transtornou, daquele homem que me tocou apenas com o olhar.



A noite chegou e o suplício também. Apenas tinha descanso no dia das regras, pois quando elas me visitavam era sinal de sossego. Porém, houve um mês em que as regras me faltaram. Nesse mês, inclusive, estava sempre indisposta, enjoada, mas não liguei muito. Outro mês passou e novamente sem regras. Estava grávida! Só podia. Depois da notícia dada, a paz reinou em mim durante nove milagrosos meses. Sei que o homem que comigo casou queria um rapaz, para que este lhe seguisse os passos, para ser o seu seguidor e senhor da casa na ausência dele. Estava com medo, com receio de ter uma menina, o que seria da minha menina ao saber que o pai queria antes um rapaz? Estava apavorada, mas ao mesmo tempo sossegada por estar tanto tempo sem ser violentada. Agora, ninguém me chateava, mas também não me mimavam, apenas era indiferente para que pudesse parir sem percalço.

Continuava as minhas deslocções à feira todas as Terças e Quintas-feiras, andava mais leve, pois as noites deixaram de ser uma tortura, mas também mais pesada, por a barriga me crescer de forma descomunal. Um dia senti que o homem do ocidente me queria ajudar, mas também estava ciente que ele sabia que não podia, por isso, estava algo descansada, ele protegia-me, mas ao mesmo tempo denunciava-me com o olhar.

Nove meses passaram a correr. O meu escudo e a minha protecção estavam a abandonar-me. Estava deitada de lado, pois não aguentava mais as dores que me acompanharam o dia todo, quando sinto um forte impulso, uma dor que me fez soltar um gemido. Levanto-me e vejo sangue, sinto nova dor, era uma contracção, estava na hora.

As mulheres chegam ao meu quarto com alguidares cheios de água, panos e lâminas. As dores começavam a apertar-me cada vez mais, a dilacerar-me o corpo, a tomar conta de mim. Quase que fiquei anestesiada com a própria dor, já não conseguia segurar o som, saem-me da boca gemidos, gritos de dor e pânico, sinto os meus



ossos a alargarem, o meu corpo a mexer sem eu permitir. Neste momento, já o meu corpo mandava em mim, eu queria ser forte, mas o pensamento não obedecia, o corpo ganhava razão em relação à mente e eu estava quase, quase a desistir...

De repente, solto um grito que se ouviu nos quatro cantos do globo e, de seguida, o choro veio ao mundo. Nasceu!

Todo este processo demorou pouco tempo, penso que umas horas apenas, mas para mim pareceu uma eternidade, soube que me cortaram, que cortaram o cordão umbilical com a lâmina mas, confesso, nada senti.

Estava ansiosa e, de alguma forma, receosa até, ainda não sabia se era menina ou menino. Para mim não importava o sexo, queria mesmo é que nascesse com saúde, mas sei que para o homem que comigo dormia, era importante que fosse um rapaz.

Estava cansada, demasiadamente cansada quando me colocaram o bebé em cima de mim. Era uma menina, uma linda menina que, para meu encanto me aliviou as dores e, para meu desespero me inquietou a Alma.

O que seria da minha linda menina?

A notícia foi dada, não houve conversas nem discussões, penso que o meu marido nem praguejou, no entanto, também não se encantou, era como se a filha fosse de alguém, mas não dele. A sua indiferença machucou-me, mas ao mesmo tempo deu-me energias, forças para lutar pela minha menina, agora estaria acompanhada não apenas do medo, mas também desta criatura inofensiva que ao mundo veio sem pedir e sem saber.

A noite chegou, e receei voltar a ser incomodada pelos desejos do homem a que chamava marido, felizmente, ele sabia que eu não estava em condições de voltar a ser violada, ainda.



Continuei a dormir sozinha no quarto, aliás, sozinha não, agora tinha a minha menina a fazer-me companhia. Ela chorava porque tinha fome, eu dava-lhe de mamar, chorava porque tinha a sua fralda de pano velho suja, eu mudava e colocava a suja num alguidar. No dia seguinte e ainda cheia de cortes na boca do corpo, era eu que tinha que lavar a sua roupinha, as suas fraldinhas, mas não me importava, fazia-o com dores, mas com imenso gosto, foi como se eu tivesse nascido de novo pois, agora tinha alguém para cuidar, por olhar, para mimar.

Aos poucos e à custa de muitas dores, a boca do corpo foi indo ao lugar, e eu temia pelo dia em que deixaria de estar com a minha menina à noite. Felizmente, os dias passaram devagar, podia desfrutar da minha menina sem ser incomodada, sem ser atropelada por tabefes ou injúrias. Mas esses dias começaram a transforma-se em semanas, e o meu corpo começava a estar bom para trabalhar.

Um dia ordenaram-me que fosse ao rio buscar água, ainda algo debilitada lá fui, com a minha menina ao colo. Quando ao rio cheguei vi o homem do ocidente, estava sentado à beira do rio e acompanhado pelos seus habituais papéis, canetas ou lápis, não importa, mas acompanhado dos seus pensamentos transcritos em papel. Ele ainda não me tinha visto e eu, cuidadosamente e, sem barulho fazer, cheguei à beira do rio para encher o cântaro com água. A minha menina denunciou-me com o seu leve choro e, no momento imediatamente a seguir, os nossos olhos cruzaram-se.



AMPARADA

Foi um olhar tão intenso que estremecei só de pensar do que o medo me alertou.

Rapidamente coloquei-me a caminho de casa, com a minha menina agarrada a uma parte da anca, e com a outra mão ocupada com o cântaro cheio de água, fomos devagar, com receio que me tivessem visto olhar de frente para o homem do ocidente. O caminho foi lento e doloroso. Entre os caminhos de cabras e estradas mal paridas, parava de vez em vez para descansar os braços, aliviar as dores e retomar forças para novamente andar.

Quando cheguei, estava exausta, completamente sem forças, parecia que me tinham dado uma tarefa, mas consegui!

Todos os dias a minha tarefa era a mesma, ir ao rio buscar água. Não me importava, pois sabia que ia ver o homem do ocidente.

Um dia, não sei porquê nem porque não, começámos a conversar. Inicialmente foi uma conversa de circunstância, aliás, era mais um monólogo, pois apenas o homem do ocidente falava, eu limitava-me a ouvir. Os dias passaram a semanas e eu comecei a falar as primeiras palavras, se bem que o meu olhar já muito tivesse dito. Perguntei-lhe o que escrevia, o que tanto aquele homem escrevia, o que ali fazia, ao qual ele me respondeu:

- Um dia saberá.

Nesse dia, nada mais disse, regressei rapidamente a casa, pois o medo alertou-me novamente para o perigo.



O meu corpo começara a habituar-se a estas caminhadas diárias e a minha menina também, sempre agarrada à minha anca, sorriamos uma para a outra e, de quando em vez, parávamos no meio do mato e descansávamos brincando.

Aos poucos fui desnudando a minha vida ao homem do ocidente. Comecei por lhe contar a minha infância e a travessia nas várias aldeias, o meu casamento e como o medo me acompanhava, enfim, denunciei-me tristemente, mas não sei porquê, afinal, era um estranho, podia ser uma armadilha, podia ser um seguidor a mando do meu marido, podia estar a colocar a minha vida em perigo, podia...

Passaram-se meses até que um dia, confessei-lhe ter receio do regresso nocturno do meu marido, pois o meu corpo estava pronto para parir novo filho, se ele assim o entendesse.

Não foi um receio em vão, pois essa noite chegou. A minha menina que na cama ao lado dormia, tudo assistia de corpo adormecido, nada a acordava pois, eu sofria calada para que ela não despertasse do seu inocente sonho. E, todas as noites eram assim, bofetadas, penetrações forçadas, com sofrimento calado.

Foram meses e meses assim, a minha menina começava a crescer e era necessário arranjar um quarto para ela dormir.

Numa das minhas idas ao rio, contei ao homem do ocidente a maneira como era tratada, o que deveria fazer para poupar a minha menina que crescia, a ver tão suplico sofrimento, contei-lhe também sobre os meus constantes sonhos sobre os negros cabelos azuis. Estes, que pararam enquanto grávida estava, retomaram o seu “habitat” assim que o meu corpo denunciou estar pronto para ser novamente violado.



O homem do ocidente ouvia-me sabendo que nada podia fazer, a não ser ouvir-me. Era uma cultura diferente, um “jogo” muito perigoso para ambos mas, reconfortava-me a Alma saber que alguém me ouvia, que alguém de mim cuidava apenas com o olhar, que alguém comigo se preocupava e, principalmente, se interessava pelas histórias que lhe contava.

Passaram-se anos, não muitos, poucos, e eu continuava nas minhas rotinas sempre acompanhada da minha menina que, entretanto, começou a dormir num quarto ao lado, construído para o efeito. Nunca mais engravidara, não sei porquê, mas as incessantes penetrações não terminaram.

Houve um dia em que ouvi uma conversa entre o meu marido e o meu sogro.

Assustei-me, fiquei perplexa.

Estavam a falar da minha menina. Percebi de imediato que estavam a tentar arranjar comprador para ela. Fiquei louca, atônica, desesperada até, pois a minha menina era a minha Alma, a minha salvação, era tudo o que de bom tinha existido para mim, até então.

Nesse mesmo dia, quando fui ao rio, o homem do ocidente estranhou o meu silêncio, denunciei preocupação e desamparo, mas estava sem saber se deveria ou não contar, estava sem saber se deveria ou não confiar, se deveria ou não pedir-lhe que fosse a pessoa que da minha menina tomasse conta. Sabia que nada sabia sobre este estranho homem, mas foi a minha companhia durante muito tempo e, se me quisesse fazer mal, já há muito que o teria feito. Neste dia, nada disse, mas ele sabia que algo se passava e sabia que era algo grave, muito grave, mas esperou pacientemente que eu tomasse a liberdade de com ele partilhar a angústia porque estava a passar.

Nessa noite fingi estar enjoada para pensarem que estava grávida. O meu marido não dormiu comigo e a minha menina regressou ao meu quarto. Estive quase um mês a fingir enjoos e náuseas e, durante esse mês



senti alívio, contudo, sabia ser por pouco tempo e quando descobrissem que tudo não passara de uma invenção, nem queria imaginar o que me poderia acontecer.

Enquanto durou este fingimento, comecei a partilhar com o homem do ocidente a minha angústia, contei-lhe que mentira para dormir apenas com a minha menina, que estava preocupada com a sua vida e tomei coragem para lhe pedir algo grandioso, algo que não se pede a ninguém, mas a minha Alma dizia-me ser a única salvação para a minha menina.

Depois de lhe ter contado sobre o negócio que o meu sogro e o meu marido queriam fazer com a minha menina, pedi-lhe que fosse ele o comprador, que a tratasse como uma filha, que cuidasse dela como se estivesse a cuidar de mim, que a protegesse e a amparasse.

Para meu espanto, o homem do ocidente não mostrou estranheza neste meu pedido, o que me deixou algo perturbada. Peguei rapidamente na mão da minha filha e fui a correr pelo caminho de cabra em direcção a casa, quando lá cheguei, metade da água tinha ficado pelo caminho.

Continuei a fazer as minhas tarefas diárias, sendo que, ir buscar água ao rio era uma delas, acontece, porém, é que depois do meu pedido nunca mais vi o homem do ocidente. Tentei um dia ir à feira numa Terça e até numa Quinta-feira, para ver se ele lá estava, naquele café acompanhado dos seus escritos, mas nada.

Um dia e, para minha surpresa, vejo-o lá em casa. Fiquei apavorada, tudo me veio à cabeça que, ele afinal, pudesse ser um espião a mando do meu marido, que fosse relatar tudo o que de mim ouvira, tudo, mas tudo mesmo me atormentou a Alma e até, me matou a esperança de salvar a minha menina. Já não me importava comigo, o que pudesse vir a acontecer-me, mas a minha menina era para ser salva e não sabia como, senti-me encurralada, atraindo, traída.



Vi-os a despedirem-se com um aperto de mão, e o meu marido e o meu sogro com um sorriso de ganância e ao mesmo tempo de triunfo. Mas, ao contrário do que esperava, nada aconteceu comigo, eles saíram e quando voltaram estavam com as suas habituais conversas, sem que houvesse indícios que algo estranho se tivesse passado.

No dia seguinte e ao fazer a minha rotina diária encontrei o homem do ocidente no rio, fez-me sinal para não me aproximar e vi o meu marido e o meu sogro a chegarem. Escondida por entre as árvores, pude observar que o homem do ocidente entregou um saco, provavelmente, com dinheiro ao meu marido e ao meu sogro. A minha menina que nesse dia não tinha vindo ao rio comigo estava de mão dada com o pai. Sem saber o que se passava, fiquei aliviada e curiosa, apreensiva e preocupada. Queria ir ter com a minha menina mas algo me impedia, o bom senso reinou em mim, e ali me deixei ficar, a observar, calada mas desconfiada.

Vejo-os a afastarem-se uns dos outros e, curiosamente, a mão da minha menina deixou de estar agarrada à mão do pai, para passar a estar agarrada à mão do homem do ocidente.

Algo me dizia que o homem do ocidente tinha atendido ao meu pedido, a minha menina já o conhecendo nada estranhou, até porque, no mês em que fingi estar grávida, tive oportunidade de partilhar com ela e, com palavras próprias para a sua idade, o que poderia vir-lhe a acontecer, inclusive, confessei-lhe, igualmente, o meu pedido ao homem do ocidente.

Cheguei a casa e fingi nada saber. Perguntei pela minha menina e quando me deram a notícia simulei um ataque de histeria, uma gritaria que se ouvia nos quatro cantos do mundo, aproveitando esta deixa e sabendo que estava com as regras, simulei igualmente um aborto. Comecei a culpá-los por estar a abortar, um aborto espontâneo, mas provocado pela triste notícia sobre a venda da minha



menina. Já deitada no quarto e com a minha sogra a dar-me algo para me acalmar, vejo o meu marido a querer bater-me, felizmente e, não sei porquê, desta vez tive o apoio da minha sogra, expulsando-o do quarto para que eu pudesse em paz descansar.

O dia acordou com o Sol e eu nem sequer tinha ainda adormecido.

A noite tinha caído e com ela a insónia visitou-me, as horas passaram e a minha mente estava acompanhada de memórias recentes sobre a minha menina que, pela primeira vez não dormira comigo no quarto.

Sabia que estava bem, confiava naquele homem que tinha sido meu confidente durante muito tempo. Mas mãe é sempre mãe, os filhos são a nossa Alma, é connosco que devem permanecer até à sua fase independente e, mesmo assim, dói sempre saber que as asas os acompanham no seu natural crescimento.

Levantei-me e preparei as tarefas domésticas. Agora já mais calma, aparentemente, para que ninguém soubesse da minha mentira sobre a falsa gravidez. Estava algo receosa, pois agora sem a minha menina, sem a mentira da gravidez para me proteger, os acessos de terror nocturnos iriam ser mais frequentes. O meu corpo iria, novamente, estar à mercê do meu “dono”.

Devagar, muito devagarinho fingi necessitar de água e fui até ao rio, estava com alguma esperança em ver a minha menina, mas quando lá cheguei não vi ninguém. Fiquei desolada, sabia que era cedo, mas agoniava-me não saber sobre o seu estado de Alma. Sentei-me à beira rio e ali fiquei a olhar, observei calada o silêncio da manhã, o acordar da natureza e pensei o que foi a minha vida, o que é a minha vida e o que será daqui para a frente... pensei, mas de nada adiantou, pois fui feita para servir e não para viver...

O tempo passou e a minha esperança começou a dissipar-se, levantei-me e fui para casa. Caminhei



devagar, as lágrimas foram as minhas companheiras nesta caminhada até casa, o silêncio também, mas este já era meu companheiro de há muito, por isso nunca o estranhei.

Quando cheguei, mandaram-me ir à vila comprar alguns mantimentos. Nem me perguntaram se estava melhor, se podia caminhar ou se precisava de algo. Mandaram-me e pronto, assunto encerrado. O corpo habitua-se aos maus tratos, assim como a mente e a Alma, habituamos-nos de tal modo a esta condição de vida que apenas estranhamos quando nos perguntam algo, ora, como ninguém perguntou nada, fiquei mais tranquila por saber que não tinha levantado qualquer suspeita.

Quando cheguei à vila fiz as compras necessárias e quando olhei para o lado, lá estava o senhor do ocidente acompanhado de uma linda menina. Era a minha menina, a minha filha que não me tinha visto, mas ali fiquei a olhar, a observar como ela estava feliz, o encanto do seu sorriso denunciava que tinha sido bem tratada. Menos mal, fiquei mais descansada. Agora sim, verifico com alguma segurança, que tomei a atitude certa ao falar com o homem do ocidente sobre a minha menina.

Fui para casa bem mais calma, com algum brilho nos olhos até, pois sabia que a minha menina estava bem, longe de pessoas que apenas pensam no poder, no dinheiro e na sua condição masculina, que mais não é do que uma condição inferior...



DENUNCIADA

O meu ritual começou a ganhar nova vida, a vontade de ir ao rio continuou e a vontade de ir à praça às Terças e Quintas-Feiras aumentou. Sabia que iria ver a minha menina, sabia, igualmente, que não podia deixar-me ver, não podia denunciar-me para ela, sob pena de a ver sofrer por querer comigo estar.

Os dias passaram e as semanas tomaram a forma de meses. A minha menina crescia e podia observar de longe como crescia saudável e alegre, longe de olhares indiscretos e vontades podres de um povo pobre no seu espírito de sentir a vida.

Numa das minhas idas ao rio, local menos inseguro mas nem por isso totalmente seguro, comecei a travar conversa com a minha filha, agora mais madura, depois de mais de um ano sem falar com ela. Curiosamente, ela sabia de tudo, o homem do ocidente nada escondera, falou com ela sobre tudo, contou-lhe a minha vida com palavras próprias para a idade e de como ela lhe foi parar às mãos. Ela conhecia bem a minha história e, por incrível que pareça, também ela me via todas as Terças e Quintas-Feiras na praça, apenas não se denunciava para me proteger. Afinal, protegíamo-nos uma à outra sem sabermos que o fazíamos com a cumplicidade de ambas.

Nesse mesmo dia cheguei a casa tão eufórica, que o medo teve que me alertar para não me denunciar. Este estado de alegria poderia denunciar-me com a leveza de um sorriso.



Assim, só quando estava sozinha no quarto é que soltava simples sorrisos, ao recordar os breves momentos que todos os dias passava com a minha menina. As noites eram passadas no meio do tormento, mas agora parecia ser um tormento fácil de aguentar, pois imediatamente ao acordar do pesadelo, adormecia num lindo sonho ao ir ao rio para soltar um sorriso escondido e conversar com quem mais amo nesta vida que não é minha.

Todos os dias a minha alegria era percorrida pelo caminho até ao rio, na ida à praça às Terças e Quintas-Feiras, pelas conversas escondidas que tinha, pelos sorrisos trocados e mãos que se tocavam ao de leve, por não poder abraçar e aconchegar, para sentir eu mesma esse aconchego que é tão bom de sentir, afinal, é o aconchego maternal.

Um dia estava já bastante atrasada para ir à praça, arranjei-me depressa e nem me apercebi que tinha deixado uma ponta do meu cabelo solta, estava a colocar-me em perigo de forma inconsciente, pois a minha mente estava ocupada com os pensamentos de mãe. Quando cheguei à praça, rapidamente me apercebi num murmúrio indiscreto, algo não estava bem, e eu sem saber o motivo senti ser o alvo do bulício.

Não sei como nem porquê vi o meu marido acompanhado de um polícia a dirigirem-se para mim, o meu pensamento foi de imediato ter com a minha menina, mas em vão, ela não estava onde costumava estar e, no final, percebi o quão bom foi ela não ter estado. Assim que chegaram ao pé de mim, percebi que o murmúrio teve a ver com a ponta do meu cabelo que deixei solta nesta manhã, apesar de todos os dias sair com o devido cuidado, neste dia e por estar atrasada, descuidei-me ao ponto de me colocar em perigo.

Comecei por ser injuriada e depois fui esbofeteada pelo meu marido, pelo polícia e por outros homens da sociedade, fui todo o caminho até casa a ser massacrada, caí várias vezes e quando isso acontecia os pontapés eram mais fortes, tentava levantar-me para fugir às



dores impiedosas que me atropelavam, mas ao correr as injúrias e as vergastadas que me atingiam o corpo e a Alma eram igualmente dolorosas.

Cheguei a casa e sabia que nada tinha parado, a tarefa iria ser maior, agora no seio de uma privacidade denunciada apenas pelo silêncio falado, pois os gritos nem sequer se podiam soltar sob pena de os maus tratos serem mais frequentes tanto quanto maiores.

Sabia que nada ficaria igual, nem ficaria por aqui, esta tarefa descuidada foi por minha culpa, ou por culpa da pressa que é sempre inimiga da perfeição?! Não importa, não importa de quem é a culpa, o importante é que aconteceu, o que é realmente relevante é que a minha vida iria ser julgada tendo como principal denunciante o meu próprio marido, o homem que dorme comigo, o meu “dono”...

Sabia que um dia iria ser denunciada, o medo sempre me acompanhou e me protegeu, mas haveria de chegar o dia em que ele mesmo se traiçoeira, levando-me consigo para este beco sem fundo, para esta dor sem retorno, para este fim sem princípio...o dia chegou, não havia volta a dar.

No dia seguinte já toda a aldeia sabia do sucedido, não me importava comigo, apenas me preocupava com o que a minha filha poderia estar a pensar, mas ao mesmo tempo sabia que o homem do ocidente a protegeria de certas humilhações e de injúrias para com a minha pessoa.

Doía-me o corpo, mas mais do que as dores do corpo e dos inchaços na cara, das nódoas negras nos braços e nas pernas, enfim, mais do que qualquer dor corporal, a minha Alma estava desfeita, sentia-me humilhada, enxovalhada, sabia que novos episódios chegariam e a minha vida estava presa por um fio de cabelo...

Comecei a relacionar os sonhos que tive sobre os cabelos longos e azuis, aqueles sonhos que mais pareciam



pesadelos, com o actualmente sucedido. Será que os sonhos eram de alguma forma uma premonição do devir?! Não sei! Mas estavam de alguma forma relacionados, sempre, com algo que mais tarde viria a acontecer.

Levantei-me com muito esforço, sabia que não podia sair de casa, estava proibida, por enquanto, ou, enquanto não fosse decidido o que comigo iriam fazer, e isso implicaria, igualmente, uma proibição de estar com a minha filha. As idas ao rio acabaram e as idas à praça terminaram, igualmente. Há muito que o meu corpo estava morto, mas a minha Alma sempre se manteve viva pelo pequeno ser que de mim nasceu, mas agora que essa vida me foi vedada, sentia a minha Alma a enfraquecer, também ela a morrer.



LAPIDADA

Os dias tornaram-se autênticos pesadelos para mim. Se as noites já as eram, os dias começaram a fazer parte das noites, eram um todo sem divisão para alegrias ou esperanças de sorrisos escondidos. Agora nada me fazia sorrir, estava confinada ao quarto e à cozinha, não respirava o ar da rua, nem pisava o seu chão.

Estava a viver numa prisão sem grades, como em tempos vivi em outras aldeias que passei, mas esta estava a ser mais dolorosa, não por mim, mas pela minha filha. Aguardava a minha sentença de morte que a tinha assinado no dia em que desnudei um pouco do meu cabelo. Um dia que o futuro deixou de ser surpresa, pois sabia exactamente o que este me traria.

Esse dia chegou!

Sabia que iria ser apedrejada até à morte e a primeira pedra seria atirada pelo homem que comigo dormia, pelo homem que me violava o corpo, logo, a surpresa já não era nenhuma. Taparam-me a cabeça com uma espécie de saco feito de pano e ataram-no com uma corda ao meu pescoço, ataram-me também as mãos por trás das costas. Quando saí de casa ouvi gritos de injúrias, ofensas sem sentido, senti apertos e encontrões, pisadelas e murros, tudo me acertava, tudo sentia.

Parece que cheguei ao local em que a lapidação sobre a minha pessoa iria ser consumada. Tentei com todas as minhas forças abandonar o meu corpo, desaparecer dele e alienar-me até da Alma, para minimizar a dor, o sofrimento, a injustiça e o tormento que padeci, no dia em que aquele momento me atraíçouu.



Enfiaram-me num buraco de areia feito para o espectáculo de rua, apenas a minha cabeça ficou a descoberto da areia, no entanto, tapada com o tal saco feito de pano. As minhas memórias começaram a tomar conta de mim, lembrei-me da minha infância e de como ela tinha sido roubada, lembrei-me da minha juventude e de como ela tinha sido, igualmente, furtada, lembrei-me da minha condição de mulher e de como ela, agora, está a ser julgada.

De repente a minha memória é assaltada por uma dor agonizante, senti o peso da pedra bater-me no ouvido, fiquei surda, apenas momentaneamente e de seguida, outra dor me atropela, desta vez no nariz, sinto o sangue escorrer-me e saboreio-o sem querer, pois não queria dar vida a este corpo, nem com o meu próprio sangue, queria acabar com este pesadelo o mais depressa possível, mas parece que a Alma teimava em mim habitar, fazendo-me sentir cada pedra, cada pedaço de encontro a mim.

Nem as memórias da minha filha me acalmavam as dores, nem o esforço para me alienar do corpo calavam o martírio, nada parecia salvar-me, nada nem ninguém... Apenas queria que a minha filha não estivesse a assistir a este martírio, queria que o homem do ocidente tivesse tido o discernimento de não a trazer para esta praça pública, onde quem atira a primeira pedra é, igualmente, o pecador mas com pecado perdoado. Seria esta a minha maior dor?! Seria esta a incógnita que me atormentava a Alma, juntamente com o que ouvia de injúrias e ofensas?! Não sei! A dor estava já tão saturada, tão misturada entre o corpo e a Alma que não conseguia mais destrinçar uma da outra.

No fundo de mim mesma sabia que o homem do ocidente jamais traria a minha menina para esta praça que nada tinha, senão o sofrimento alheio para alegrar os corações despedaçados de tão podres que estavam. Esperava, inclusive, que já estivessem bem longe, distantes deste país e desta terra sem nome, sabia que tinha sido a opção certa...



Mas, a dor atormentava-me o corpo, a mente e a Alma, queria ter a certeza de que tudo estava a correr bem com a minha menina, mas essa incerteza iria comigo morrer.

Supliquei que a Alma me abandonasse, me deixasse partir, mesmo sem honra, porque a dor era tão grande que nem a vergonha me matou para sempre, apenas as pedras bicudas e afiadas eram a minha salvação, eram elas que iriam determinar a hora, a minha hora de partir, mas nem essas que eram minhas inimigas me queriam ver mortas, pareciam que mais gostavam de ver sentir cada dor, do que terminarem de um vez por todas com a vida que em mim permitia existir.

A fraqueza começou a dar de si, o sangue que sentia escorrer-me pela cara começava a colar-se à mesma, os dentes partidos e engolidos à força faziam-me engasgar, tossia, chorava, gritava de dor, de angústia, deixei de ver mesmo com a cara tapada, pois sentia os meus olhos revirados das pedradas que levavam, a dor começou a ser a minha anestesia e quando comecei a nada sentir, apenas na minha memória habitou o sonho sobre os longos cabelos azuis que embora não estivesse a ser alvo directo do sonho, o cabelo tinha sido o seu fio condutor.

Quebrei...mas, e a minha menina...?!



ADOPÇÃO

Assim que soube do seu dia fatal, o dia em que seria julgada em praça pública, o dia da sua lapidação, tratei de imediato com o pai da menina os papéis para adoptá-la. Esta segunda quantia que paguei foi bem maior que a primeira, mas era a única forma de abandonar livremente este país, sem haver qualquer tipo de problema em relação à sua saída.

Não poderia permitir que a Alma, nome que lhe dei após a ter adoptado, assistisse ao sacrifício da sua mãe. Não poderia permitir que uma menina na sua tenra idade, no auge da sua inocência fosse castigada pelas lembranças que daí pudessem surgir.

Não houve forma alguma de falar com a mãe da Alma, mas consegui arranjar maneira, através de nova quantia paga a peso de ouro, de garantir que a Alma se despedisse dela.

Assim foi, a Alma foi ter com a mãe uma última vez. Juntas conversaram e a Alma contou à mãe sobre o seu novo nome devido à sua adopção, disse também à mãe, que iria sair do país com o homem do ocidente, ao qual também já chamava de pai.

Despediram-se!

Sabia que iria ser uma visita demasiadamente dolorosa, por isso, convinha que fosse rápida. Era o mínimo que podia fazer para honrar o papel de uma mulher que foi a única que amei, a única que respeitei com todas as minhas forças, por amá-la demais. Nunca a toquei, apenas os nossos olhares se tocaram loucamente, sem perdão ou culpas, sem inocência ou desculpas, apenas nos tocámos por nos amarmos sem corpo partilhado.



Tantas foram as vezes que ela me perguntou no seu silêncio profundo o que eu escrevia.

Tantas foram as vezes que senti a sua curiosidade querer falar mais alto que o seu silêncio.

E, tantas foram, igualmente, as vezes que as palavras tropeçaram no silêncio, não permitindo que as mesmas fossem proferidas, mesmo que fosse para desvendar uma natural curiosidade.

O que escrevia eu?!

Nada escrevia senão a cultura de um povo, as gentes de um país.

Foi por isso que me desloquei àquela terra misturada de cheiros tristes, odores quentes e abafados, apenas para saber o que faz um ser humano ser tão diferente do outro, mudando apenas a terra que pisa?

Descobri da pior maneira que para além de outros factores, são os costumes de um povo, o que apelidamos de cultura que faz a sua diferença, a sua essência ser cruel, a sua natureza ser naturalmente bárbara, porque foi assim que cresceram, conviveram e viveram durante séculos. E, mesmo sabendo que estão errados não querem mudar, receiam perder o poder que não manda, porque temem ser vistos como sendo a vergonha de um povo, porque afirmam ser eles os únicos fazedores de verdades absolutas, quando na realidade, a verdade é e será sempre dinâmica.

Foram tantas as injustiças que assisti.

Foram tantos os testemunhos que ouvi.

Mas esta, esta foi de longe a que mais me tocou.

Desde a sua infância, tenra idade, menina ainda de colo, um sofrimento encolhido por lhe esfolarem o seu fruto humedecido, por lhe roubarem a virgindade perfeita, esta, uma história flagelada e camuflada foi de longe a que mais me marcou, por isso, escolhi narrá-la para honrar quem muito sofreu e nada pediu a não ser, permitirem-lhe ser Mulher.



A VIAGEM

Estávamos no avião e a Alma dormia como um anjo. Eu continuava a partilhar as minhas memórias com o papel e a caneta. Sabia que a esta hora, o acto já tinha dado início... Não conseguia parar de pensar no sofrimento daquela mulher que sabia ser notícia em todo o mundo. Os direitos humanos não se fizeram ouvir, ou por outra, tentaram, mas em vão, foram completamente impenetráveis naquele país que se defendia com unhas e dentes.

Uma lágrima caiu-me, soube naquele momento que a mãe da Alma tinha morrido. Soube naquele momento que o sofrimento de uma vida terminou, que a paz iria reinar naquele corpo jaz morto e, finalmente, a tormenta iria dar descanso à Alma de uma mulher que nasceu e cresceu apenas, para morrer...

Foi um processo lento, este, de levar a Alma a viajar de avião.

Primeiro fomos de carro e ela estranhou esta coisa de quatro rodas, curiosamente, à semelhança da sua mãe que também tinha estranhado. Mas, como disse Fernando Pessoa, *“primeiro estranha-se, depois entranha-se”* ... assim foi, depois de longas horas a andar de carro, interrompidas por paragens e solavancos, chegámos ao aeroporto. E, assim que chegámos a Alma ficou espantada ao ver tamanha “geringonça” com rodas e asas, janelinhas pequeninas e uma longa escada para dentro dela entrar. Expliquei-lhe que o seu nome era «avião». Ela sorridente apenas me olhou e curiosa subiu lentamente as escadas, para se sentar junto a uma das janelinhas do avião. Na descolagem assustou-se e agarrou-se a mim, pois o barulho dos motores e a velocidade estonteante com que o avião despegou, assustaram-na ao ponto de ela querer



ir para de baixo de um dos bancos. Quando já estávamos em pleno céu, as nuvens a parecerem algodão doce, ela por fim adormeceu. Estava cansada de tanta novidade para um só dia, exausta de euforia e fatigada da viagem, acabou por adormecer num sono profundo.

Escolhi para esta viagem, agora não estando sozinho, um país diferente, mas não tão evoluído, como pensei.

Queria continuar a minha demanda em busca de povos e gentes, de culturas e costumes que ditavam o sofrimento e a alegria das pessoas que menos pediam e mais sofriam.

Queria continuar a escrever para dar a conhecer ao mundo o que tanto sabemos e teimamos em esconder.

Queria continuar a chorar se preciso fosse para salvar outra Alma, para gritar silenciado nas letras, o que a vida pode ser para determinadas pessoas, que apenas sabem o que é uma parte da dicotomia, assim, queria e não iria parar, mesmo não estando sozinho.

Bem sei que prometi cuidar da Alma como se fosse minha filha, e assim faria, mas sempre com a consciência de que deveria também eu mostrar-lhe outros lugares, outros mundos que não aquele que ela conhecia. Iria fazer-lhe ver, que em muitos outros lugares neste pequeno grande mundo, existem milhares de pessoas que vivem de maneira diferente da que ela estava habituada, mas nem por isso eram mais ou menos felizes, por vezes a felicidade não estava no local, mas sim nos costumes, outras vezes, nas mentalidades, mas havia locais com bons e maus costumes, havia pessoas más e outras menos boas, havia sempre o lado negro mas também o lado puro, imaculado. Era isto que eu pretendia mostrar à Alma, mostrar ao mundo, escrevendo memórias de gentes várias, com sentimentos únicos mas, igualmente, universais, por serem humanos e outras vezes desumanos. Dar a conhecer à Alma o outro lado do mundo, um mundo em que a felicidade também existe, um mundo em que a paz, embora camuflada, existe, aparentemente, no lar de muita gente, é o mesmo que dar uma outra experiência de vida à Alma, fazer-lhe nascer sentimentos nunca antes sentidos, visitados naquele corpo de Alma sã.



Estávamos quase a chegar ao destino e a Alma ainda dormia.

Quando começámos a aterrar e os “flats” do avião abriram, a Alma acordou. Ficou perplexa ao ver as casas com o tamanho de formigas, perguntou-me várias vezes como é que nós cabíamos nelas, expliquei-lhe que à medida que nos aproximássemos do solo, as casas aumentariam e nós conseguiríamos nelas entrar, viver e habitar. Era uma espécie de magia, expliquei-lhe. Ela estava corada do calor do sono e ao mesmo tempo excitada por ver e sentir estas novas experiências. Quando o avião tocou no solo ela petrificou e, quando o avião começou a fazer o barulho normal de uma aterragem, ela simplesmente agarrou-se a mim e escondeu a sua cara nos meus braços, ferrou-me com força os seus dedos para que não a pudessem separar de mim, queria sentir-se protegida, pois estava assustada.

Aterrámos, acalmou e sorriu!

Depois do habitual percurso para levantar a bagagem e sempre acompanhado da Alma e suas conseqüentes perguntas curiosas, percebi, também eu, que estava a gostar deste meu novo papel de pai numa terra distante, num local diferente, respondendo a cada interpelação feita pela Alma, como se em cada pergunta nascesse uma nova história para contar. Concluí, que também eu, estava a gozar de um novo método experimental a nível de sentimentos e partilhas, de emoções fortes e contrastes entre as narrações que fazia e as respostas que sentia, ao dá-las tão naturalmente como se estivesse a renascer para um novo mundo.

Chegámos ao hotel e aqui, a Alma já não estranhou tanto as diferenças de mordomia, pois quando a “comprei” ela veio viver comigo para o hotel onde estava hospedado, tinha, igualmente, sido um novo mundo para ela, mas nem por isso deixou de ser quem era. Lembro-me de ter sido uma experiência ao qual nada era indiferente à Alma, tudo questionava e tudo sentia como se estivesse a nascer em cada momento, em cada segundo da sua vida.



Os dias passaram e comecei a estranhar o silêncio da Alma em relação à sua mãe. Nada perguntava, no fundo é como se ela soubesse exactamente o que se tinha passado, por isso, se refugiava no seu mundo silencioso com receio de ouvir o que nunca quis acreditar. Receava, também eu, abordar a situação, por isso, deixei-a viver nesse seu mundo sem interferir em nada, para que não sentisse que queria invadir a sua privacidade, a sua dor, a sua solidão.

Mais tarde, inscrevi-a na escola. Tornou-se numa excelente aluna, destacando-se da turma com distinção. Começou a conviver com outras crianças da sua idade, os anos passaram e ela cresceu tornando-se numa linda ninfa. Tinha o olhar da mãe, a expressão dela, era como se fosse a sua mãe ainda na fase adolescente, era naturalmente bela.



RAPTADAS

O meu pai continuava a escrever as memórias das gentes, dos povos e costumes. Eu dedicava-me aos estudos para não pensar na minha mãe. Tinha saudades dela!

O meu pai contava-me muitas histórias sobre ela, não aquelas histórias tristes, essas eu sabia por ter presenciado muitas delas, outras vezes e sem o meu pai saber, lia os seus rascunhos, lia as histórias que escrevia sobre a vida da minha mãe, as suas dores e segredos, a sua infância e adolescência e eu, eu fingia nada saber, por isso, acreditava nas histórias que ele me contava, aqueles alegres contos sobre os encontros à beira rio. Chegava a contar-me as suas aventuras de namoro expressivo com a minha mãe, namoravam apenas com o olhar, sentindo o deleite de amar sem tocar.

Eu via nos seus olhos as saudades que ele tinha dela, sentia-o triste e abalado com todas as experiências de vida que ele tinha sentido e presenciado. Sentia-o muitas vezes arrependido por não ter conseguido ter a coragem de travar as barbaridades que passaram pelo corpo da minha mãe, no entanto, sempre soube que ele nada pôde fazer a não ser de mim cuidar, essa foi, sem dúvida alguma, a maior prova de amor, carinho e dedicação que o meu pai deu à minha mãe.

Os dias passavam e a minha vida era basicamente estudar, um atributo que desconhecia e aos poucos aprendi a gostar. Destaquei-me como sendo a melhor aluna da escola, era muito certinha, fazia os trabalhos de casa, estudava com gosto e dedicação mas também



brincava. Fiz várias amizades e gostava de todas elas, aprendi a conviver com outras adolescentes da minha idade e, inclusive, cheguei a frequentar a casa de algumas para as ajudar nos deveres de casa, pois algumas tinham dificuldades de aprendizagem. Fazia-o com gosto, gostava de ensinar, ao ensinar aprendia, igualmente, outras formas de estudar. Curiosamente havia uma amiga que insistia muito para estar sempre presente na casa dela, confesso, era a única casa que temia em frequentar, pois o seu pai tinha um ar rude, aquele ar que sempre conheci na minha infância e, por vezes, trazia-me memórias tristes da terra de onde vim, por isso, tentava sempre esquivar-me ao convite, mas ficava com pena dela.

Chegou o dia da entrega dos diplomas, estávamos todas radiantes, bem-dispostas, sorridentes e orgulhosas das notas que conquistámos. Era um dia de festa, em que as pessoas se juntavam e comemoravam, comiam e ouviam música, conversavam e lançavam foguetes e balões pelo ar.

Nesse dia, aliás, como tantos outros, fui brincar com as minhas amigas. Estranhei a minha amiga, aquela que insistia sempre para estar com ela, não estar presente. Sabia que tinha tido excelentes resultados e estranhei a sua ausência e a do seu pai. Decidi ir buscá-la. Quando cheguei à sua casa, bati à porta mas ninguém a abriu, insisti mas nada. Fui dar a volta e entrei pela porta traseira, encontrei-a assustada e presa a uma cadeira, fiquei atónica. Ela suplicou-me com o olhar que me fosse embora, mas não podia, não podia deixá-la ali sem saber o que se estava a passar. Entrei e corri na sua direcção e quando ao pé dela cheguei, senti uma forte pancada na cabeça, caí e perdi os sentidos.

Acordei, não sabia onde estava.

Senti-me presa dos pés à cabeça, olhei para o lado e lá estava a minha amiga, igualmente, presa. Tentei perceber o que se estava a passar mas entendi que ela também de nada sabia. Estava tão ou mais assustada que eu.

Tentava perceber onde me encontrava, já não estava na sua casa, na casa da minha amiga, algo não estava bem



e não sabia o quê. Ainda me encontrava zozna e dorida, a cabeça doía-me, mas aos poucos a memória começou a instalar-se em mim, aos poucos começava a recordar-me do que tinha acontecido. Lembro-me de estar na casa da minha amiga e de a ver amarrada, quando ia para soltá-la senti uma pancada, e agora acordo num local completamente estranho, imundo e solitário. O que se estava a passar?!

Estávamos sozinhas, assustadas e com um lenço na boca, não podíamos falar a não ser com o olhar, um olhar de medo e inquietação, de desassossego e agitação. Olhei ao meu redor e vi uma espécie de maca e muitos utensílios como se estivesse numa sala de operações, estava angustiada e anestesiada de medo. O sítio era algo escuro, apenas uma ténue luz nos iluminava os rostos com os reflexos desses utensílios. Era um local sombrio, frio, sem nada nas paredes, tudo era feito de ferro e alumínio, tudo era composto dessa cor prateada que me cegava e ao mesmo tempo iluminava. Parecia que estávamos dentro de uma espécie de contentor, algo sem janelas e sem portas, apenas o revestimento prateado era o nosso campo de visão.

Um barulho!

Ouçó um barulho, alguém se aproxima, oiço o ranger de algo enferrujado, não sei o quê, o barulho vinha por trás, não me conseguia virar para ver quem ali estava. De repente senti um pano húmido a tapar-me o nariz, tentei soltar-me e olhei para o lado, lá estava a minha amiga, a acontecer-lhe o mesmo que a mim, nada mais me lembro, adormeci e sonhei.



MINAS TERRESTRES

Havia um campo de terra batida. Costumava ir para lá brincar. Passava esse campo e logo a seguir existia outro, mas este estava coberto de flores selvagens, folhas e silvas, muitas vezes picava-me, mas nada de grave, apenas queria brincar.

Lembro-me de ser uma menina pequena, devia ter uns dez anos, mais ou menos, a minha pele era escura e o cabelo também. Não estava vestida com muita roupa e a que tinha estava algo imunda, mas era a que tinha na altura. De vez em vez a fome lembrava-me da sua existência, tentava à viva força esquecê-la com as brincadeiras, mas a minha barriga fazia questão de roncar, e acordar-me para a realidade de um prato de fome e um copo de sede. Por isso, e, para esquecer a fome e a sede brincava, passeava por entre campos e planícies, todos eles selvagens mas recordados como campos de batalha, de combate ao inimigo se é que algum dia deixou de haver, somos todos inimigos uns dos outros, amigos, nem daqueles que conosco vivem, pois somos humanos, logo, somos cruéis armas de combate entre nós próprios, é isso, inimigos sempre os houve, afinal, somos inimigos até de nós próprios.

Sabia que havia um limite para lá desses campos. Sabia que não podia ir para lá sob pena de ser mutilada por minas que em tempos fizeram questão de as colocar, mas agora a memória traiçou quem delas tomou conta, deixando ao Deus dará quem as encontrasse, quem delas passava a ser o seu tiro triunfante, de uma guerra sem vencedores, de uma guerra sem vencidos, era uma batalha mutilada por minas nos meninos.



Mas, houve um dia que arrisquei.

A curiosidade de saber como eram esses campos tomou conta de mim. Queria brincar às guerras e batalhas, às brincadeiras que com elas aprendi a viver e conviver . As minhas armas eram ramos talhados para o efeito, a minha roupa já imunda ficava ainda mais suja, por me besuntar na lama e terra batida, para não ser reconhecida nem por mim mesma.

Houve um dia em que quis brincar como gente grande, como se a gente grande soubesse o que era brincar!... Mas, quis e assim fiz!

Fui para lá dessas planícies de terra batida, ultrapassei os campos de flores selvagens, folhas e silvas e cheguei, finalmente, aos campos cheios de minas e recheados de armadilhas. Comecei a esconder-me do inimigo que não era mais ninguém, a não ser eu própria, fingia ser também eu o inimigo, pois brincava sozinha e idealizava cenários de guerra, horrores e terrores próprios de uma terra que viu nascer a guerra, mas nunca viu nascer a paz.

Ouvi um clique, pisei algo e não sabia o quê.

Sabia que aquele campo era proibido, sabia que havia minas e armadilhas, mas também, sempre pensei serem histórias de gente grande, como aquelas dos papões que contam aos meninos das grandes cidades.

Não sabia o que fazer!

Fiquei imóvel!

Segundo as histórias que me contavam, se me mexesse algo explodia, ficaria sem um braço, ou uma perna ou até as duas, poderia morrer, mas esses eram raros, a frequência era quase sempre a mutilação dos membros. Tentava ao máximo pensar como poderia substituir o meu pé por algo que nem eu própria sabia. Queria colocar uma pedra no lugar do pé, assim, sempre tentava sair ilesa, mas as hipóteses eram nulas. Estava a ficar cansada, exausta daquela posição que iria ditar a minha sentença de morte, que iria ditar qual dos membros a mina iria saciar, estava a ficar, realmente, sem forças...



Estava prestes a desistir, estava apenas a mentalizar-me que daqui para a frente a minha vida, se é que a teria, nunca mais seria a mesma, teria que reaprender a andar ou a comer, teria que reaprender o que não se reaprende, porque não nascemos para sermos mutilados, não nascemos para sermos massacrados, não nascemos para sermos escravos de nós nem de ninguém... mas estava na hora, retirei o pé e apenas ouvi um explosão, adormecendo, apenas...



TRÁFICO DE ÓRGÃOS HUMANOS

Acordei cheia de dores.
Estava na beira de uma estrada.

Lembro-me de ter sonhado com um campo de minas e que por lá tinha ficado. Afinal, foi apenas um sonho, ou um pesadelo, que alívio!

Olhei para o lado e vi a minha amiga.
Ainda me encontrava atordoada e não sabia porque me doía o peito. Tentava perceber onde me encontrava, reorganizar as ideias e perceber se o que me tinha acontecido naquela espécie de contentor fazia, igualmente, parte do sonho, mas não. Esse, parece ter sido real, a minha amiga estava ali, mas algo não estava bem. Levantei-me a custo, mas levantei-me, arrastei-me para junto dela e vi que estava inerte, sem vida, imunda em sangue, olhei para mim e reparei que estava, também eu, coberta de sangue.

Quando coloquei a minha mão no meu peito para acalmar a dor que sentia, toco em algo que me era estranho. Olho e vejo que estava atada com uma ligadura cheia de sangue, não sabia o que se estava a passar, mas as dores começavam a tomar conta de mim, queria fechar os olhos e deixar-me anestesiar pelo sono para acalmar as dores de que padecia.

Queria saber o que me (nos) tinha acontecido. Lembro-me vagamente da festa da entrega dos diplomas, de ter ido a casa da minha amiga, de acordar numa espécie de contentor, de sonhar com minas e conseqüente mutilação,



e agora, lembro-me e nada recordo, a não ser, estou aqui, numa estrada perdida, cheia de dores e quase, quase, adormecida.

Pára um carro e oiço vozes já longe. Estava praticamente sem vida, alguns berros e estalos ainda sentia, mas nada nem ninguém me conseguia fazer abrir os olhos. Sentia-me estupidamente cansada, talvez até mutilada, quem sabe, ou até esventrada, mas sentia-me, assim...

Quando acordo, novamente, a primeira cara que vi foi a do meu pai. Senti a sua alegria por me ver acordar, senti a sua tristeza por saber que algo não estava bem, senti que não estava em casa, mas também não estava na rua, onde estaria eu?

Numa cama de hospital e já fora de perigo tinha sido submetida a uma nova cirurgia. Digo nova cirurgia porque ao que parece fui raptada na casa da minha amiga. Eu e ela fomos submetidas a uma operação para nos retirarem um órgão. A mim foi retirado um rim, à minha amiga foi, igualmente, retirado outro mas, infelizmente, a fraca saúde em que se encontrava fez com que não aguentasse, por isso, faleceu.

Tudo isto foi-me contado pelo meu pai. Contou-me, inclusive, que recebeu um telefonema anónimo informando-o onde nós nos encontrávamos, foi assim que ele conseguiu dar connosco, caso contrário, também eu poderia neste momento estar morta.

Tinha acabado de perder um rim, tinha acabado de perder uma amiga, tinha acabado de ser «mutilada» não nos membros como no sonho que tive, mas nos órgãos. Curioso, como é semelhante a realidade do sonho e a realidade da vida, sem membro ou sem órgão, qual deles escolheria?! Não sei!

Afinal, as dores de que padecia eram as dores de um pós-operatório no seu estado mais frágil, «esventraram-me», «mutilaram-me», «roubaram-me» um órgão, para



traficar por dinheiro, que nada dá a ganhar a não ser a dor e o sofrimento, a não ser a indignidade e a impureza daqueles que praticam tais actos, e daqueles que assistem de boca calada, daqueles que financiam e daqueles que compram.

O dinheiro, esse podre poder que apenas consegue vencer à custa do sofrimento alheio, das dores de terceiros, das desculpas dos culpados e das aceitações dos falsos inocentes é, sem sombra de dúvida, um mal, mas não necessário.

Estava ainda muito fraca, comecei a pensar, a meditar o que leva as pessoas a fazerem tanto mal, recuei no tempo e lembrei-me da minha mãe, das suas dores de infância, dos maus tratos que sofreu, e agora, aqui estou, pensando estar a salvo num país que se diz desenvolvido, pensando que tanto mal apenas existia em determinadas províncias, mas não. Ele está em todo o lado, nas aldeias, províncias e cidades, ou não?!

Não!

Ele está dentro das pessoas, esse mal, essa maldade é como se fosse um género de praga que se apodera dos corpos e propaga-se sem licença pedir. É tão forte como a bondade, é a outra metade, é a outra face, é aquela que mais se vê, que mais se sente, que mais se ouve o seu odor impregnado de suor, daqueles que dele sofrem, não porque estão a fazer mal, mas porque sentem esse mal, na pele, no corpo, na mente, na Alma.

O que vai ser de mim, agora?

Sobreviverei a este suplício de dor, de fadiga de viver num mundo cruel onde a espécie humana é aquela que mais mutila, que mais mata a sua própria espécie...?! Já não é pelo que do meu corpo roubaram, mas sim porque me invadiram a Alma, essa que tento deixar pura, para que a maldade não a atravesse, mas sinto-a fraca, cansada, desolada e até desonrada.



O LEGADO

Os dias passaram e a minha estadia no hospital estava com os dias contados. Era bom sinal, era sinal que me estava a dar bem com a minha recuperação, era sinal que estava fora de perigo, era sinal que iria voltar à minha vida normal.

O meu pai esteve sempre comigo, acompanhou-me em cada segundo da sua vida, não me largou nem que fosse por um minuto e eu estava preocupada, pois via-o enfraquecer, não se alimentava pois não me queria deixar, dormia numa cadeira junto a mim, desconfortável, presumo, estava abalado, triste e, isso preocupava-me.

Quando chegámos a casa, tinha o meu quarto já preparado, ele tinha pedido a alguém que o preparasse, tinha comida feita, um tecto e roupa lavada, tinha amor, carinho e companhia, tinha tudo o que uma pessoa desejaria para ser feliz, apenas um órgão me faltava, mas não era nada comparado com o amor que me rodeava.

Fui recebendo várias visitas das minhas colegas, fui aos poucos recuperando a minha rotina diária, a normalidade, no entanto, o tempo ia passando mas o meu pai não melhorava. Continuava abatido, revoltado até, não sei o que se passava com ele, mas algo de grave se passava e sabia que não me iria contar, pois a tudo me poupava.

Houve um dia que cheguei a casa e vi o meu pai a escrever, escrevia, escrevia e escrevia, aliás, como sempre o fez em toda a sua vida. Contava-me a história da minha mãe através da escrita, sabia do seu diário, aliás, eu sabia



que ele sabia das minhas histórias, igualmente, através da sua escrita, de vez em vez partilhava comigo alguns textos, outras vezes eu própria os lia porque sabia que, propositadamente, ele os deixava em cima da secretária para eu os ler.

Nesse dia em que o vi desalmadamente a escrever, vi-o a pousar os óculos, há já algum tempo que os usava, pois a escrita consumia-lhe a visão, observei calada num canto da sala o gesto em si, debruçou-se sobre os braços e deixou lentamente cair a sua cabeça, pensei: está cansado!

Deixei-o por breves momentos, pois pensei que gostaria de ficar sozinho, nem que fosse apenas por uns minutos. Dirigi-me à cozinha e bebi um copo com água. Subi as escadas e troquei de roupa. Comecei a estranhar o meu pai nada dizer, o silêncio da caneta no papel chamou por mim, por isso, voltei a descer as escadas e lá estava ele, com a cabeça debruçada sobre os seus braços, estava a descansar. Hesitei em acordá-lo, mas tinha que ser, não podia deixá-lo adormecido ali.

Dirigi-me para junto dele e tentei acordá-lo, abanei-o e por ele chamei, mas nada!
Fiquei perplexa, voltei a abaná-lo e foi quando percebi que o meu pai tinha adormecido... para sempre.

A solidão invadiu-me e o desespero tomou conta de mim.

Deixei-me estar encolhida num dos cantos da sala, apenas a observá-lo, as lágrimas escorriam-me, o pensamento fugia-me...

O meu amparo ficou completamente abalado, era o único alicerce que conhecia na vida, mas agora, tinha que ser eu esse pilar, essa força, esse amor, essa vontade de viver e lutar pelas incongruências da vida, dos costumes, das injustiças, das barbáries, do desumanamente humano, e que só o meu pai o soube mostrar-me, para ajudar-me a perceber o que ainda hoje não consigo entender.



Soube posteriormente que o meu pai adormecera no seu eterno sono devido a um aneurisma. Soube, também, que nada sofreu, e agora consigo perceber o porquê de tanta preocupação, o porquê da sua angústia, o porquê do seu sofrimento calado, consegui, finalmente, entender, o que o meu pai há muito já sabia, a morte que pressentia.

Depois de cremar o seu corpo, pois esse era o seu desejo, regressei a casa sem vontade de falar, queria estar sozinha, sem companhia, mas as minhas colegas e amigas insistiam nas suas presenças...deixei-as permanecer um pouco comigo, mas eu não estava ali, apenas o meu corpo por lá habitava, eu estava num outro canto do mundo, num mundo que não era o nosso, imaginava um encontro. Aquele que provavelmente foi o único sonho do meu pai que em vida não realizou, o encontro carnal com a minha mãe. Queria estar presente nesse encontro, mas sabia que não era possível, queria à viva força acreditar que eles estavam bem, que finalmente poderiam amar com o corpo, a alma, o toque com toque e não apenas o toque sem toque. Sentia-os, sabia que onde quer que estivessem, por mim estariam a olhar, a zelar, e de mim continuariam a cuidar.

Dirigi-me para a secretária e comecei a ler as últimas palavras do meu pai.

Estava lá tudo... levei comigo para cima todas as folhas soltas, as encadernadas também, diários e livros que sei que ele escrevera na sua vida e comecei a ler... cada palavra, cada frase, cada texto, cada história...

À medida que fui lendo, fui recordando a minha mãe, a sua triste infância, igualmente, a minha infância e a casa onde nasci, o pai biológico que não pedi, tudo, lembrei-me de tudo, porque tudo estava escrito, tudo estava relatado e as suas últimas palavras foram apenas um apelo:

-Alma: continua o meu legado, continua a escrever a tua vida, a tua história, como eu fiz com a vida da tua mãe, com a minha e a tua também.

Assim o fiz. Prometi a mim mesma continuar o seu legado.



APAIXONADA

Tinha-me formado em Ciências Sociais.

Agora dependia apenas de mim para viver.

Procurei trabalho, respondi a anúncios e com muito, muito esforço, força de vontade, determinação e motivação, consegui arranjar trabalho numa instituição de solidariedade social. Gostava imenso do que fazia, gostava de ajudar quem mais necessitava. Presenciei muitas famílias em desgraça, testemunhei relatos de maus tratos, mulheres mal tratadas, crianças esfomeadas, pais desesperados, muitas coisas confirmei com os meus olhos, os meus sentidos e, igualmente, o meu próprio testemunho de vida.

No meu percurso entre o trabalho / casa parava habitualmente numa pequena sala de chá. Aquecia-me com os seus aromas que as plantas de infusão me ofereciam, e tentava de algum modo, esquecer-me por instantes a vida que sentia, os relatos que ouvia, tentava viver num mundo onde apenas a alegria reinava, onde a harmonia habitava, era o meu momento de prazer sentido, era aquele único momento do dia-a-dia em que cada pessoa tinha, era meu, único, era também ele, o momento da reflexão, da escrita e da partilha com o papel, o meu testemunho diário, o legado que iria deixar pela promessa que fiz ao meu pai, agora, adormecido.

Quando chegava a casa, colocava sempre uma música baixinha, comia pouco e lia muito.

Gostava desta minha nova vida, da minha independência conquistada, estava novamente a aprender a ser feliz, deixar de lado a minha solidão e acompanhar-me pelas delícias das músicas, dos livros, das tertúlias, dos



convívios, de tudo o que me fizesse sentir bem, sentir-me mulher, sentir-me bonita, apaixonada, atrevida, encantada, apenas sentir sentindo-me...

Houve um dia em que nessa minha paragem pela salinha de chá, um senhor com bom ar pediu-me licença para se sentar. Fiquei admirada, pois tal nunca me tinha acontecido. Permiti, mas algo receosa.

Começámos a falar, mas pouca coisa e quando terminei o meu chá, pedi delicadamente licença, inventando uma qualquer desculpa para sair. Fui embora mas fiquei a pensar no simpático atrevimento daquele senhor. A noite correu normalmente e no dia seguinte quando saí do trabalho, parei novamente na salinha de chá. Olhei e verifiquei que o senhor com bom ar, lá estava sentado numa mesa a ler um livro qualquer. Sentei-me e fingi não o ver. Não sei porquê nem porque não, a sua presença fazia-me sentir estranha. Pouco depois tinha à minha frente novamente o senhor com bom ar, sentou-se e voltámos a conversar, quer dizer, ele falava e eu ouvia. Encantava-me com as suas histórias, fazia-me sorrir e até rir ou gargalhar, começava a gostar de o ter por perto, confesso.

Os dias passavam mas todos eles eram marcados pelo nosso encontro no lugar habitual. Começámos a partilhar igualmente almoços e jantares, convívios e pequenos toques de mãos que me faziam estremecer. As horas começavam a ser insuportáveis quando na presença dele eu não estava, a vontade de o ver, de estar perto dele, de sentir o seu cheiro, o toque e foge que me arrepiava começavam, igualmente, a colocar-me extasiada, a sua ausência começava a ser o meu suplício, a minha força de viver e até o meu respirar.

Um dia depois de um passeio pelas ruas nocturnas daquela cidade, convidei-o para ir a minha casa. Já há algum tempo que a nossa cumplicidade merecia alguma intimidade. Estávamos sentados no sofá e conversávamos sobre variadíssimos assuntos, sabia que ele me escutava,



pois a sua atenção era toda virada para mim. Era médico e isso deixava-me confortável, não sei porquê, mas sentia ser uma profissão séria, logo, quem a exercesse seria igualmente sério.

Nada aconteceu nesta noite a não ser simples toques de pernas, sorrisos cúmplices e olhares matreiros, era a sedução a entrar em acção.

Foi um jogo que me fascinou e me encantou, foi a melhor época da minha vida.

A melhor parte de uma relação, aquela que se inicia pela conquista, aquela em que não conseguimos ver as diferenças, defeitos ou imperfeições, tudo é maravilhosamente encantador, tudo se torna num feitiço, porque enfeitiçadas nos sentimos. O deslumbre, aquele fazer tudo para conquistar, aquele sorriso que nos faz sentirmo-nos belas, apetecidas, desejadas até, aquela constante afirmação por não conhecer a negação, tudo, mas tudo fazia parte do jogo sedutor ao qual geralmente se inicia uma relação.

Os dias transformaram-se em semanas e as semanas em meses, a nossa convivência aumentava de dia para dia, e o desejo de uma maior intimidade crescia de igual modo como a cumplicidade.

Houve um dia em que estávamos na sala a dançar, apenas a dançar...mas naquele momento o desejo foi maior que a resistência por mim criada, a ânsia de o ter cresceu em mim como borboletas no estômago, estava apreensiva mas desejosa, era virgem, temia mas continuava ávida, sedenta daquele homem com bom ar. E, assim aconteceu. Entreguei-me sem mais defesas ou preocupações, desejei-o tanto que a penetração ao romper-me, me fez lacrimejar, mas nem por isso deixei de o amar. Amei-o tanto, mas tanto que a dor não existia, apenas o prazer, aquele de estar com ele, partilhar o meu corpo, debruçar-me e deleitar-me sobre ele, tentá-lo ainda mais para que ele me desejasse mais ainda, me cobiçasse e se tornasse loucamente apaixonado por mim.



Os nossos corpos acalmaram, mas os nossos olhares cruzavam-se num constante estado de embriaguez saciada. Começámos levemente a soltar as primeiras palavras, depois dos gemidos gritantes se terem calado. Ele ficou surpreendido pela minha virgindade e soube mais tarde que isso o fez ficar ainda mais apaixonado por mim.

Vivemos dias felizes, amávamo-nos todos os dias, em todos os cantos da casa, nas escadas do prédio, nos cantos de uma rua escura, em todo o lado, porque quando a vontade em nós crescia nada nos detinha, nada nos fazia parar a não ser saciar a fome que tínhamos de nós próprios. Satisfazíamo-nos sem pudor ou vergonha.

Acabámos por ir viver juntos.

Ele deixou a casa onde vivia e eu deixei a minha.

Alugámos uma nova casa, mais ampla, espaçosa, para podermos estar mais à vontade, com mais espaço para nos explorarmos. E, assim foi durante muito tempo na minha vida. Confesso, fui feliz, inteiramente feliz...



A NOTÍCIA

Estava sentada a escrever as minhas memórias, estas que um dia provavelmente irão ler, quando me senti indisposta. Dirigi-me à casa de banho e vomitei. O meu companheiro ficou preocupado, mas não me deixou alarmada, apenas me perguntou como estava o meu período. Disse-lhe que estava atrasado, mas que era perfeitamente normal, pois sempre fui muito irregular. Mais tarde soube que ele sabia, exactamente, os meus dias férteis, a minha irregularidade, e o porquê de uma pergunta tão directa logo na minha primeira indisposição. Mas, naquele momento, apenas me veio à cabeça que era uma pergunta normal de médico e não de companheiro.

Tinha deixado o meu trabalho, ele insistia que podia cuidar de mim. Sempre me tratou tão bem, mimou-me e de mim cuidou que acabei por lhe fazer a vontade, estava completamente apaixonada, logo, todos os seus pedidos eram perfeitamente irrecusáveis para mim.

Os enjoos começaram a ser diariamente matinais, por isso, comecei a ficar preocupada. Fui à farmácia e comprei o teste de gravidez. Fi-lo! Estava grávida!

Não sabia se ria ou se chorava, se ficava triste ou alegre, preocupada ou simplesmente descansada, não sabia como seria a reacção dele, se ficaria feliz por mim, por ambos ou, pelo contrário, desistiria simplesmente de mim... Nunca tínhamos abordado esta situação, sempre conversámos muito, a minha vida era um livro aberto para ele, a dele nem tanto, falava muito para me encantar, mas era mais reservado no que dizia respeito a ele como pessoa, mas isso, não foi preocupação para mim pois, até à data, nunca tinha tido razão de queixa.



Confesso, fiquei feliz! Consegui finalmente acalmar as minhas emoções e perceber o que realmente sentia e não escondo, estava radiante, queria demais este filho que não foi «programado» mas, já era por mim muito desejado.

À noite e quando estávamos a jantar, dei-lhe a notícia. Olhou-me, pousou os talheres, levantou-se e eu fiquei apreensiva, sem motivo aparente, mas fiquei.

Pedi-me calmamente para me levantar.

Levantei-me e assim que o fiz, pegou-me ao colo, rodopiou-me e apenas me disse:

- Amo-te!

A minha alegria fundiu-se no seu olhar, estávamos felizes, senti também eu, que ele estava encantadamente extasiado com a notícia.

Fiquei algo surpreendida por tão entusiástica emoção por ele demonstrada mas, o que é certo, é que se tratava do nosso filho, do nosso rebento, logo, seria perfeitamente natural a sua tamanha euforia.

Acabámos de comer mas sempre com a nossa cumplicidade no olhar, agora mais reforçada pela gravidez, também ela, neste momento, muito desejada.

Nessa noite deitámo-nos e amámo-nos como se tivesse sido a primeira vez, o carinho que me deu, as ternuras que comigo partilhava, os sussurros que me prendiam o ouvido eram o alimento do meu corpo, da minha Alma, de mim mesma.

No dia seguinte trouxe-me flores, flores campestres, as que eu mais gosto.

Os dias passaram e passaram e passaram, os meus enjoos matinais deram lugar à azia, mas no seu todo, a gravidez estava a correr na perfeição. Apenas uns sonhos me incomodavam à noite. Nunca falara destes sonhos com ele, não o queria preocupar, mas começavam a deixar-me algo apreensiva, pois a frequência dos mesmos aumentara à medida que a minha barriga também crescia.



Parece que herdei da minha mãe esta premonição da vida, algo se iria passar, tinha quase a certeza, pois a vida da minha mãe foi marcada igualmente pelos sonhos que tivera, como se fossem uma espécie de aviso e este, este sonho eu não o conseguia decifrar, estava longe até, de imaginar o que o sonho me queria dizer.

Um sonho que me remetia sempre para o assassinato de recém-nascidos do sexo feminino na China.



INFANTICÍDIO FEMININO

Estava já na trigésima oitava semana de gestação.

Sabia que era uma menina, sabia do perigo que corria e do que me iria acontecer, aliás, do que iria acontecer á minha menina, queria lutar para que não ma tirassem, mas não tinha para onde ir, não tinha recursos nem meios, a família nada podia fazer sob pena de ser também ela penalizada. Estava a começar a ficar entorpecida pelo nascimento estar, também ele, tão próximo da morte.

Como era possível?! Questionava-me vezes sem conta. Como era possível?!

São simples crianças, meninas acabadas de nascer, que não pediram para a este mundo vir e, assim que nascem, a sentença fica ditada, a sua hora da morte fica estipulada, aliás, como a hora do nascimento, também.

Uma lei imposta num País onde a população cresce sem escala, eu sei, sei também que devem ser tomadas medidas, mas não estas que são medidas assassinas, não estas que tornam a barbárie numa lei perfeitamente normal, como se deixasse de ser crime, pecado ou até maldade, tudo se tornou usual, a sua anormalidade passou a ser habitualmente normal. Como era possível?! Onde estão os direitos humanos, onde estão os países ditos civilizados para nos acudir de este infanticídio feminino?! Precisava urgentemente de ajuda antes que fosse demasiado tarde.

Sabia que, assim que a minha menina nascesse era colocada numa espécie de sala junta com outras tantas meninas e, por ali ficavam, deixavam-nas berrar, chorar



durante horas e horas até que a morte as calasse, a fome, o frio, a total ausência de protecção tida durante o seu período de gestação, ditavam a crueldade de uma morte sem memória, sem precedentes e sem culpas inocentes.

Chegou o momento, sentia as contracções ainda espaçadas, mas começava a senti-las. Queria parir sozinha para poder esconder a minha menina.

Mas sabia que seria em vão, viriam à minha procura, tinham tudo muito bem documentado, catalogado, sabiam exactamente quem estava grávida de menina ou não, sabiam tudo das nossas vidas, nada podia esconder-me, nada nem ninguém.

Mais uma contracção, outra, andei devagar e fui para o meio do nada, de um bosque perdido no tempo, podia ser que assim, ainda fosse a tempo de salvar a minha menina.

Encostei-me a uma árvore e suportei ao máximo as dores das contracções no silêncio da noite, não soltei um único gemido com receio de me denunciar. Estava de cócoras e fazia força, suave, transpirava, gotejava suor pela cara e pelo corpo, mas a força não podia parar, tinha que aguentar e não podia sequer imaginar em fraquejar.

De repente, um alívio soltou-se do meu corpo, a minha menina nasceu e o seu choro denunciou-nos. Peguei-a e encostei-a rapidamente a mim, segurei-a fortemente para se sentir amparada, assim, talvez o choro se calasse.

Ouvi latidos, cães lá longe entraram pela mata a dentro, eu sabia!

Sabia que me vigiavam, sabia que nunca estaria protegida, o que fazer?! Estava a entrar num completo desespero, os latidos dos cães estavam cada vez mais próximos, a minha menina, entretanto, começara novamente a chorar, não havia como, estava perdida, iriam tirar-me a minha filha, iriam matá-la lentamente como se fosse uma coisa e, não um ser que acabara de nascer.



Estava encolhida junto à árvore onde pari, estávamos as duas a chorar, uma calada outra denunciada, mas ambas pressentíamos qual seria o nosso destino fatal.

Os cães agora junto a nós latiam com mais força, como se se quisessem saltar, cair em cima de nós para nos devorar, os guardas acalmaram-nos e de uma sombra vinda do nada surge uma senhora.

Ela dirige-se para nós e apenas com um olhar dá uma ordem, rapidamente e sem mais não, a minha filha é-me retirada dos braços como se fosse um boneco de trapo. Fiquei apavorada, senti-me sufocar, gritei, esperneeiei, chorei, mas de nada valeu, senti-me quedar, as forças começaram a faltar-me, a imaginação começou a cuidar de mim, já a revia naquela espécie de sala da morte, sem amparo, amor, protecção ou carinho, estava extasiada com tamanha barbaridade, queria sentir que não era mais do que um pesadelo, queria acordar... e, assim foi... acordei!



A GRAVIDEZ

Estava indisposta.

Estes sonhos eram um tormento para mim, umas vezes sonhava que conseguia fugir, outras que nem sequer chegava a parir, mas o mais frequente era este que acabara de contar. Ficava sempre inquieta como se de um pressentimento se tratasse. Não tinha porque estar assim, afinal, a minha gravidez estava a decorrer na perfeita normalidade, com a harmonia necessária, não vivia na China, logo, o porquê de tal sonho, o porquê de tão grosseiro pesadelo?!

Uma resposta que não chegava mas teimava em me questionar.

Neste dia fiquei mais apreensiva que o normal...mas o dia decorreu e nada de anormal se passou.

Os dias transformaram-se em semanas e as semanas em meses. Estava já com uma notável barriga. A posição para dormir era algo que me causava desconforto, estava num estado evolutivo da minha condição de futura mãe, que me condicionava os movimentos.

À medida que o tempo passa começo a notar alguma ansiedade no homem que comigo se deita, no homem que me diz amar, no homem que me ampara e protege. Talvez seja apenas uma ansiedade provocada pela chegada da nossa filha, a sua hora estava a chegar e o tempo parecia não mais parar. Tentei de alguma maneira acalmá-lo mas, ao mesmo tempo achava estranho esse seu estado inquieto, diria até que estava com um nervosismo miudinho. Como médico deveria estar perfeitamente habituado a este tipo de situações, mesmo não sendo situações que lhe digam directamente respeito, mas seria



normal que agisse igualmente de forma normal, ou não?! O seu estado não era de todo um estado regular!

Houve uma noite em que ele me questionou onde queria eu ter a criança, achei a pergunta pertinente, estava perfeitamente convencida que a iria ter no hospital, aliás, no hospital onde eu estava a ser seguida e, inclusive, no hospital em que ele trabalhava.

Perguntei-lhe o porquê dessa questão, ao qual me respondeu com uma pergunta retórica.

Perguntou-me se não gostaria de ter um parto “caseiro”, se não queria ter a criança em casa, no seio familiar, sem estranhos por perto, inclusive, disse-me que ele estaria sempre por perto, que me ajudaria, que iria assistir. Fiquei a pensar e ele desviou a conversa dizendo que não me queria forçar a nada, apenas gostaria de ter a sua família reunida num momento tão único da sua vida e, apenas a sua família, mais ninguém...

Nessa noite não mais falou no caso e eu fiquei a pensar o que deveria fazer.

O dia seguinte passou-se de forma calma, li, andei pela casa, descansei, mas estava a começar a ficar confusa, parecia que algo estava para chegar, sim, eu sei! Mas não era a minha filha, é verdade, o sexo da criança, soube-o numa das consultas... e, lembrei-me agora que nessa consulta verifiquei olhares trocados entre o meu companheiro e o obstetra, mas não liguei, agora começo a juntar algumas peças, mas que peças?! O que há para juntar?! A minha gravidez está a decorrer lindamente, tenho um companheiro que me ama e de mim cuida, que está extasiado com a chegada da nossa menina, que sinto me quer bem e nunca me maltratou, logo, que peças devo juntar?! Só porque ele sugeriu que o parto fosse aqui em casa?! Sim, é estranho, mas não é assim tão estranho, ou seria eu a querer acreditar que tudo iria e estava a correr bem?! Aiiiiiii que raiva, porque estou assim?! Não sei!

Nessa noite voltou à conversa sobre o local do parto.

Para que eu ficasse mais descansada, poderia trazer uma parteira e uma enfermeira e se algo corresse menos



bem, num instante estaríamos no hospital. Foi uma conversa tão meiga e um pedido quase tão irrealista como irrecusável. Acedi, amo-o de verdade, sinto-me protegida com ele, logo, saberia que nada de mal nos iria acontecer.

Mas, à medida que o tempo passava os sonhos tornavam-se mais reais, a angústia parecia começar a fazer parte integrante de mim, o receio começou a acompanhar-me segundo a segundo, a ansiedade tornou-se numa amante habitual. Estava muito apreensiva, desculpava-me com a gravidez, com o tempo que estava a esgotar-se, mas no meu íntimo sabia que algo estava para chegar e chegaria no mesmo momento em que fosse parir, no momento exacto da chegada da minha menina.

Estava já numa fase final e a impaciência tomava conta da minha pessoa. A curiosidade em ver a cara da minha menina, de a sentir cá fora, de a abraçar e de saber se nasceria de perfeita saúde, provocavam-me um desassossego sem igual. Mas, ao mesmo tempo, esta inquietação era amparada pelo meu companheiro pois, tinha tirado férias para me auxiliar nestes últimos dias de gravidez.

Era de facto um sonho, muitas foram as vezes em que da minha mãe me lembrei, do meu pai também, e de como eles se iriam sentir felizes por verem a sua neta, por me verem feliz, por nos verem crescer...infelizmente, não iria ser possível.

A minha menina iria nascer sem avós maternos... mas, e paternos?! Por incrível que pareça nunca questioneei o meu companheiro sobre a sua família, estava na hora de o questionar. Perguntei-lhe pelos seus pais, ao qual me respondeu já os ter perdido, a eles e a um irmão mais novo, perdeu-os num acidente de viação. Senti que o tema o machucava, por isso, não mais falei no assunto. Seríamos apenas nós, eu, ele e a nossa menina, mas seríamos uma família, uma linda e feliz família.



Chegou a hora! Sinto que chegou a hora.

Comecei a ter cólicas, tinha vontade de ir constantemente à casa de banho, as dores ainda compassadas eram acompanhadas da respiração que treinei durante a gravidez. Disso não me podia queixar, aliás, nem disso nem de nada, pois tive uma gravidez excelente com acompanhamento e preparação para o parto sempre presentes, com uma alimentação saudável e uma vida rica em mimos e descanso.

O meu companheiro pegou no telefone e fez uns telefonemas, no meio das dores não conseguia ouvir e estava inquieta, pois não largava o telefone, queria-o comigo, pois sabia serem contracções o que estava a sentir, queria-o por perto como me prometera.

A campainha toca e vejo duas senhoras entrarem com equipamento apropriado para os partos, fiquei mais descansada, afinal os telefonemas eram para as senhoras. Deitaram-me em cima da cama e ensinaram-me uma vez mais a controlar a respiração. O rolhão saiu, as águas rebentaram e as contracções aumentaram. Estava dolorosamente feliz, era uma dor boa de sentir, embora insuportável, por vezes.

Fiz força quando me diziam para fazer, o meu companheiro estava junto a mim, à minha cabeceira e a agarrar-me na mão. Nova contracção e nova força, novo gemido e novo grito, suave, mas determinado. Começava a ser doloroso, começava a ficar sem forças, escorria água pelo meu corpo, gemia e gritava com dores que a minha filha provocava. Supliquei-lhe com o olhar que me levasse para o hospital, dizia-me que eu era forte, que iria conseguir, que estava tudo a correr dentro da normalidade. A parteira ajudava-me e a enfermeira controlava...

De repente, uma dor aguda fez-me soltar um grito e ouviu-se um choro. A minha menina tinha nascido.

Assim que nasceu vi a enfermeira a embrulhá-la num pano próprio, mas...repentinamente deixei de as ver, à enfermeira e à minha menina. Perguntei ao meu



companheiro onde estavam, ao qual me respondeu que apenas estava a ser lavada e tratada devidamente, para de seguida, vir para junto de mim. Fiquei mais descansada. Não me rasgou e apenas levei alguns pontos, poucos. Estava tão cansada, mas tão cansada que apenas queria fechar os olhos, por momentos, pois queria a minha menina junto de mim.

Senti uma picada e de repente vejo tudo turvo, nublado... o que aconteceu?! O porquê da picada? Não sei, adormeci!



TRÁFICO HUMANO

Foi tudo tão repentino! Estava zonza, estava a acordar e a acordar daquele horrível pesadelo, aquele que me acompanhou durante quase toda a gravidez.

Tentei levantar-me mas as tonturas não me permitiram. Estava sozinha no quarto, não via nem o meu companheiro, nem a minha menina, nem a enfermeira, nem a parteira. Tentei chamar pelo meu companheiro, mas em vão. O silêncio era intimidante, nem o choro da minha menina eu ouvia, estava a ficar assustada.

Os meus olhos pareciam querer fechar-se, lutava comigo para os manter abertos e, de repente, a porta abre-se e vejo o meu companheiro. Senti-me aliviada, sorri-lhe e perguntei-lhe pela nossa menina, se estava bem. Queria-a, até porque tinha que a amamentar. Ele nada falou, a cara dele mudou, apenas pegou no meu braço e nova picada senti, não queria dormir, mas o sono foi mais forte, adormeci, novamente.

O tempo passa e acordo, sentia-me perdida, não sabia que horas eram, e há quanto tempo estivera inconsciente. O silêncio aterrador era algo preocupante, as injeções que me davam eram, igualmente, inquietantes, até o meu companheiro e a sua repentina mudança era algo que me alarmava. Não sabia o que se estava a passar, o porquê desta situação que supostamente deveria ser uma situação normal e feliz, mas estava a tornar-se num pesadelo sem respostas.

A porta do quarto abre-se novamente, era o meu companheiro. Perguntei-lhe o que se estava a passar mas, apenas sorriu. Fiquei confusa, não estava a perceber



nada de nada. Disse-me: descansa! De facto sentia-me muito cansada e não sabia se eram das injeções ou do parto, mas estava realmente muito abatida. Perguntei-lhe pela nossa menina, nada me disse e eu insisti, tentei levantar-me mas não consegui, senti nova picada e a única imagem que me ficou foi o seu sorriso, um sorriso diferente do que me habituara, um sorriso misterioso e maleficamente enigmático.

Não sei quanto tempo estivera a dormir, se foram horas ou dias, estava a recuperar os sentidos e finalmente consegui sentar-me na cama. Continuava tonta, confusa, misturando o pesadelo que tive durante a gravidez, com o parto, não conseguindo destrinçar o sonho do real, enfim, estava completamente atordoada. Tentei muito devagarinho colocar-me em pé, sentia os pontos na boca do corpo a incomodarem-me, a cabeça parecia que ia estoirar mas, devagar lá consegui me manter em pé.

Abri a porta do quarto e o silêncio era misterioso, chamei pelo meu companheiro, mas apenas o silêncio se fizera ouvir. Nem o choro da minha menina eu ouvia, parecia que estava a viver outro pesadelo, o que se estava a passar?! Caminhei e quando cheguei ao quarto da minha menina, um quarto preparado com todo o carinho para a sua chegada, o mesmo encontrava-se vazio, um pânico invadiu o meu corpo, pé ante pé caminhei até à sala, estava, igualmente, vazia, nem um móvel, nem as nossas fotos, nada, nada de nada. Foi quando me apercebi que de facto, algo não estava bem, foi quando a realidade me acordou, foi quando descobri que me encontrava completamente sozinha, sem ninguém por perto, sem ajuda e sem explicação para o sucedido mas, a minha única preocupação centrava-se apenas e só na minha menina.

Mesmo de camisa de noite e sem querer saber do meu estado de saúde, que ainda se encontrava algo debilitado, saí de casa e bati na porta de uma das minhas vizinhas. Ninguém me atendeu, fui tentar uma outra vizinha, e aqui uma porta se abriu. Perguntei-lhe se tinha visto algo



de diferente, pois sentia-me perdida sem saber o que se estava a passar. Ela ao ver-me naquele estado apenas me disse que de facto viu uns homens a carregarem mobílias, mas pensou tratar-se de uma mudança de residência, de resto, nada de anormal detectara. Expliquei-lhe tudo, contei-lhe a minha felicidade, o meu estado de graça, o meu parto e o meu espanto ao ver-me agora nesta situação, contei-lhe tudo entre lágrimas, soluços e choros desmedidos, desesperados. Ela estranhou, igualmente, como eu, todos estes confusos episódios na minha vida. Levou-me para o hospital para ser observada, mas eu apenas queria saber da minha menina. No hospital perguntei pelo meu companheiro, mas responderam-me que não havia nenhum médico com esse nome, fiquei aparvalhada, de seguida perguntei pelo meu obstetra, disseram-me que se tinha ido embora há um dia, fiquei ainda mais confusa. Estava completamente alarmada, não queria ficar ali, queria procurar a minha menina. No fim do meu relato aos médicos, estes chamaram a polícia, no meio do interrogatório, disse-lhes que não tinha qualquer fotografia do meu companheiro pois a minha casa estava completamente vazia, foi quando fizeram um retrato *robot* sobre ele, tentaram, igualmente, localizar o meu obstetra, mas nada.

Naquela noite fiquei no hospital, a minha amável vizinha tratou de trancar a porta do meu apartamento, não porque houvesse algo para roubar, apenas porque é assim que deve ser feito. Estava inquieta e não queria estar deitada. Um médico veio ter comigo e perguntou-me onde tivera a criança, disse-lhe que tivera-a na minha casa, pela vontade do meu companheiro que pensei trabalhar aqui, neste hospital. Senti que houve desconfiança tanto da parte dos médicos como da polícia, como se eu fosse dar, vender, sei lá... fazer algo de mal com a minha menina, mas não, nada disso, estava tão inquieta que pouco ou nada colaborava, pois queria sair dali. Sedaram-me e adormeci, outra vez.

O sonho que tantas vezes tivera durante a minha gravidez foi o alerta que não conseguira detectar em tempo útil.



Foi-me tirado a minha menina, assim como àquela mãe que apenas queria ser mãe. Mais uma premonição que sabia existir, mas não sabia a que se referia. Ambas, eu e a mulher do meu sonho ficámos sem as nossas meninas, porquê?!

Acordei e estava algemada à cama do hospital. Gritei e perguntei porque estava eu algemada. A polícia chegou e retirou-me as algemas. Os médicos detectaram droga no meu corpo, drogaram-me durante dois ou três dias e tudo se passou nessa janela de tempo. Foi através dos exames médicos que detectaram a minha inocência, pois a minha filha já tinha nascido há pelo menos três dias e nesse período de tempo, estive sempre, ou quase sempre, inconsciente.

Um outro polícia veio ter comigo e com algumas reservas explicou-me que o meu companheiro pertencia a uma organização de tráfico humano, era procurado há muito pela Interpol, agia com a cumplicidade de outros médicos que trabalhavam em hospitais públicos mas, até à data, sempre fora difícil encontrá-lo, supunha-se ser um dos cabecilhas da organização, era astucioso, inteligente e enganava com uma frequente facilidade com os seus doces mas falsos romantismos, mulheres, ele sabia procurar muito bem o seu alvo, pois, eram mulheres ainda muito meninas, por vezes virgens, como aconteceu comigo e, até virgens na sua inocência, pois a vida ainda não tivera tempo de as ensinar a viver com a maldade que ela também nos dá. O plano dele era tão bem feito que nunca ninguém desconfiava de nada, pois as companheiras que escolhia eram leais, encantava-as com as suas mágicas palavras, com os seus ternos gestos, sabia fazer as coisas sem levantar quaisquer suspeitas sobre ele, engravidava-as, mas depois, quando chegava a hora da criança nascer, as mães eram dopadas e as crianças raptadas e vendidas a famílias que não conseguiam ter filhos, por preços stupidamente altos. Era assim que ele actuava, que vivia e enriquecia, à custa da dor alheia.



Como fui estúpida e inocente em acreditar na beleza da vida, como é possível haver casais ditos de bem compactuarem com situações destas, quando existem tantas crianças que querem uma família, que esperam ser adoptadas, mas ninguém lhes toca, ninguém lhes procura, ninguém as quer, ninguém as adopta?! Como, como...?!

Estava tão aterrorizada, tão preocupada com o que poderia estar a acontecer com a minha menina que nada me acalmava, tiveram que me aquietar com base em medicamentos. E, assim fiquei por alguns dias, deitada numa cama de hospital, impotente a tudo e a todos, sentindo-me sozinha, amargurada, angustiada, sentindo-me... incapaz.



DAR A VOLTA POR CIMA...

Duas semanas se passaram e eu continuava abatida e com a certeza que jamais iria voltar a ver a minha menina, pois quando ma tiraram tinha acabado de nascer, como poderia eu reconhecê-la?! Jamais... A vida é ingrata, madrasta e cruel mas, não podia deixar que a vida me tirasse a própria vida. Lembrei-me da minha mãe, da força de mulher que ela era, e de alguma forma, foi a ela que fui buscar as forças que agora tenho, rezando, apelando a tudo e a todos para que a minha menina fosse feliz, pelo menos, que fosse acolhida numa família que a fizesse feliz, só isso, só isso...

Um dia acordei e decidi ir ao meu antigo trabalho. Deixara toda a minha vida para trás, colegas da faculdade, colegas de trabalho, tudo e todos em prol do meu companheiro, estava cega de paixão, de amor, apenas vivia para ele, por ele, e em função dele, mas só agora me consciencializava disso. No entanto, uma coisa não posso negar, fui feliz, mesmo enganada, fui feliz!

Encontrei uma antiga colega de trabalho que ficou surpresa em me ver. Sentámo-nos e conversámos longas horas, contei-lhe a minha vida destes últimos anos, desde que saíra da instituição. Depois desta longa conversa a minha ex colega de trabalho tratou de tudo para que eu ingressasse novamente a este mundo tão real quanto irreal.

Assim foi, rapidamente regressiei à instituição e agora com mais força para ajudar as pessoas mais necessitadas, as mais carenciadas, tinha vontade de ser a força que essas pessoas não eram, apenas porque também elas são



humanas, porque eu também fiquei sem forças, mas a vida ensinou-me a não parar, a lutar e a dar a volta por cima.

Deparei-me com muitas situações que me fizeram lembrar a minha, situações de desapego familiar, situações de carência afectiva, de violência camuflada, mais tarde desnudada pela prática denunciada desses maus tratos. Foram muitas as imagens que me remeteram para a infância da minha mãe, para um mundo que pensei ter evoluído, mas apenas se esconde em novas faces humanas, em novas casas que têm como único testemunho as paredes, os alicerces e o tecto com chão de betão.

Dois anos passaram e a minha vida tornou-se a essência e a esperança para muitas famílias. Eu vivia para o trabalho, dormia com o trabalho e convivía, igualmente, com o trabalho. Pese embora, seja um trabalho doloroso, pois as injustiças sociais são mais que muitas, foi ele que me permitiu conseguir andar para a frente, esquecer os meus problemas, pois deixaram de existir a partir do momento em que deixei o meu outro “eu” para trás, aquele “eu” inocente e apaixonado ficou lá longe, no meio do caminho, só assim consegui dedicar-me de corpo e Alma a outras pessoas, também elas sofredoras e mais necessitadas no momento.

A minha dedicação era conhecida e reconhecida. Desta feita, foi-me proposto um novo projecto de vida. Abraçar um trabalho além fronteiras, ajudar outras injustiças que tanto habitam por este mundo fora. Um desafio aliciante, mas também doloroso. Iria estar no terreno, a fazer trabalho no activo, no campo, e a sentir exactamente as dores daqueles a quem eu iria ajudar, mas mesmo assim, e ainda assim, aceitei. Não minto, gosto do meu trabalho, muitas vezes voluntário, mas sempre com gosto em ajudar, nem que seja para ver e sentir apenas um sorriso, uma inocente felicidade, um olhar, um carinho e um caminho sem portas fechadas.



BARRIGAS DE ALUGUER

Cheguei a um país muito idêntico à minha terra mãe. Fui destacada para ajudar famílias doentes e carenciadas, que necessitavam não só de bens essenciais para a sua sobrevivência, mas também de apoio moral, psicológico, carinho, afecto, amor...

Entrei num prédio que parecia ter sido herdado da guerra, sem janelas e portas, com moscas a espreitarem as doenças, a infectarem feridas abertas e acompanhadas de um cheiro nauseabundo que abundava naquele prédio com paredes esburacadas. Assim viviam as mulheres vítimas de maus tratos, mas protegidas de um inferno maior do que aquele em que agora viviam.

Ajudei sempre, sempre sem parar, cada mulher, cada criança, ouvia-as com vontade de as abraçar, sentia as suas dores, dores que não revelavam por estarem acostumadas, por sentirem também elas, que as dores faziam parte das suas vidas, como se outras vidas não existissem, como se outro mundo para lá do seu não houvesse.

Muitas histórias me contaram, muita lágrima chorei e ensinei a chorar, a deitar cá para fora toda uma angústia acumulada pelos anos. Ensinei que a vida é muito mais do que a dor, que também pode ser sorriso e felicidade. Eduquei cada Alma como se de mim tivessem saído, fui mãe, avó, filha também, fui tudo de todas as maneiras que conhecia ser.

Era já muito conhecida neste ambiente que aos poucos tentei moldar, um ambiente que tentei que não fosse apenas um depósito de corpos recheados com dores.



Tentei de alguma forma transformar aquele prédio num lar, onde a janela sem vidro tornasse o ar respirável, onde as paredes brancas pudessem ser ocupadas por lembranças das pessoas que por ali habitavam, nem que fosse apenas momentaneamente, mas troquei um cheiro inicialmente nauseabundo, por um odor de incenso, próprio da terra onde me encontrava.

Um dia pediram que me deslocasse a um prédio um pouco mais à frente. Assim o fiz, pensei que pudesse haver alguém a necessitar de cuidados afectivos e não poderia recusar tal sentimento. Quando lá cheguei deparei-me com um cenário algo irreal para os tempos de hoje. Mulheres de barriga cheia, grávidas para darem à luz pequenos seres que seriam posteriormente vendidos por “*tuta e meia*” a famílias que não podiam ter filhos. Fiquei chocada, não só pela lembrança do meu passado, mas pela total ausência de bom senso nas pessoas que queriam à viva força um filho acabado de nascer. Para isso, as mulheres daquela terra de odores quentes, prontificavam-se para ser a barriga de aluguer em troca de meia dúzia de tostões, para poderem comer e sobreviver. Era um aproveitar de uma situação que deveria ser denunciada, mas ao contrário, era até fomentada no ocidente com alegria e prazer, orgulho e vaidade.

Perguntei-me, porquê? Porque estava isto a acontecer? Porque me chamaram? E, logo, logo, percebi o porquê. Uma mulher que acabara de parir decidiu à última da hora não vender o seu filho. Assim que o sentiu nascer, sentiu-o, igualmente, ser seu e só seu. Eu estava ali para ser a mediadora entre a família que tinha comprado aquela criança e a mãe da mesma. Mas... estava tão estupidamente chocada com aquele cenário de camas em fila, com aquelas inocentes mulheres que estavam durante nove meses sob protecção, a viverem naquele prédio não muito diferente daquele onde eu trabalhava, para que nada acontecesse aos bebés que, nada me saía da boca, não conseguia dialogar, nem tão pouco falar, precisava de uns minutos para me recompor, para me acalmar.



Refeita do choque, questionei-me como nunca me dera conta do que ali se passava mesmo de frente dos meus olhos, estava zangada comigo mesma, a vida estava novamente a ensinar-me que nenhum sinal deve ser ignorado. Sempre fiz o meu trabalho e de tão compenetrada que estava nele, não olhava para o lado, onde também alguém necessitava de uma educação social, de saber a verdade escondida, enfim, necessitava de alguém que as educasse com os afectos que por direito à nascença lhes pertenciam.

Fui falar com o casal que ali se encontrava. Diziam querer o filho que compraram, pagaram a comida, a dormida, os cuidados médicos e todas as despesas para que o seu filho viesse a este mundo saudável, logo, era seu por direito. Fiquei petrificada com o que estava a ouvir e argumentei: Vejo que são uma família instruída, ou pelo menos, assim se apelidam, afirmam ter pago a comida desta mulher e, eu pergunto: Que comida? Aquela que está racionada para que apenas e só o bebé tenha o suficiente para nascer saudável? Que dormida? Este sítio imundo onde as casas de banho são partilhadas por centenas de mulheres, onde a higiene não é a prioridade... o que se passa nas vossas cabeças? Não estou a entender,... o que pretendem? O dinheiro que pagaram por explorarem o corpo de uma mulher que precisava de um sítio para viver nem que fosse apenas por nove meses? Que preço tem a vida humana? Digam-me:

Argumentei com todas as forças que a revolta me ajudou a ter, envergonhei-os diante de uma plateia de mulheres exploradas e fiz questão de denunciar através deste livro que espero seja editado, casos como este que habitam nos corações podres de muita gente.

Somos tão falsamente humildes, tão pouco cuidados com a nossa própria espécie, egoisticamente somos o ser que pior existe ao cimo deste planeta, aquele que consegue matar lentamente para seu próprio benefício, aquele que consegue impor poder para seu próprio proveito, aquele que se diz racional mas é estupidamente irracional.



Fiz questão de pagar o triplo àquele casal, mas o bebê ficou com a mãe que por direito era seu, carregou-o durante nove meses na sua barriga, logo, não poderia deixar que uma mãe que se afeioou ao seu filho assim que este veio ao mundo, perdesse o seu dever de se sentir ser mãe a tempo inteiro.

Mais tarde soube ser prática comum nos ocidentais, aqueles países ditos desenvolvidos festejarem a chegada de um rebento, enquanto a portadora desse rebento chora lágrimas escondidas. Primeiro porque deixa de ter um tecto, comida, roupa e cuidados médicos, depois, porque mesmo perdendo tudo isto, perde igualmente o que de mais precioso a vida humana tem, a sua cria. Seriam apenas, repito, apenas, nove meses de falsos e porcos cuidados humanos. Eram as barrigas de aluguer, para pais que egoisticamente só pensavam neles e em mais ninguém.

Fui-me embora.

Abalada com toda esta situação que, aparentemente, resolvi, mas...na verdade, nada determinei, pois iriam continuar a haver mulheres que dispunham das suas barrigas para proveito de terceiros, iriam continuar a haver humanos que exploravam essas mulheres, iriam continuar a haver casos que todos sabiam e nada diziam, iriam continuar a haver todos os podres de uma sociedade dita globalizante onde a hipocrisia sempre reinou naqueles homens de gravata em que o crime de colarinho branco seria sempre impunível, onde as mulheres de jóias preciosas seriam sempre os adornos sem pena perpétua, suspensa ou até pena cumprida.

Era o mundo, a vida... a existência humana no seu estado degradante, no seu estado selvagem, no seu estado deplorável...

Quando cheguei ao prédio onde trabalhava, fiquei parada por longos minutos sentada na soleira da porta. Estava longe, distante, pensativa, estava capaz de gritar aos quatro cantos do mundo e esmagar toda a vontade que



muita gente tinha, mas apenas se ficava pela vontade, vontade de ajudar, mas não ajudavam, vontade de querer parecer bem, mas apenas se ficavam pelo parecer... estava capaz de julgar quem nunca tinha julgado, estava capaz de me revoltar, de esmurrar pessoas tão porcamemente cruéis que me enojava só de pensar nelas, o vômito subia-me pelas goelas e tinha que o travar para que não explodisse em forma de bomba e atingisse todos quanto se diziam humanos, mas nada faziam, nada... nada...nada...



O REGRESSO

Nesse dia tomei uma decisão.

Ao longo dos tempos, sempre documentei o meu trabalho, tirava fotos, gravava testemunhos, eu própria escrevia para que o mundo soubesse o que já sabia mas teimava em ignorar, assim, comprei uma passagem de avião e fui até à sede de uma das organizações mais conhecida mundialmente, uma organização internacional cujo objectivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direitos humanos e a realização da paz mundial, entre outras cooperações ligadas à segurança e desenvolvimento económico e social. Fui tentar apelar ao bom senso e pedir auxílio para aquelas mulheres que se encontravam em perfeito estado de exploração humana. Peguei no meu trabalho de meses, anos de pesquisa, testemunhos e depoimentos e entreguei cópias à assembleia-geral da dita organização.

De seguida comprei uma outra passagem e fui até ao Vaticano, um estado dentro de outro em que a riqueza abunda, uma instituição que se diz defender, também, os direitos humanos, mas apenas se fica pelas rezas. As rezas fazem falta, alimentam a Alma, eleva esperanças e cria motivação nas pessoas mais carenciadas, mas não nos podemos ficar apenas pelas rezas, há que agir, acima de tudo, há que fazer algo, uma instituição com tanta riqueza daria para alimentar uma África inteira. Bem sei que teria que haver uma educação social, teria que haver tempo para nos (os) ensinar como é viver sem dor, como é viver numa casa que não uma barraca, como é viver sem a guerra mas, afinal, para que servem as rezas se nada mais é feito como complemento das mesmas?! Não esqueço, não consigo esquecer que a Igreja como



instituição foi aquela que mais atrocidades humanas cometeu, e agora, é aquela que mais apela à paz mas nada faz a não ser rezar e viajar, é aquela que é composta por homens, logo, imperfeitos na sua dita perfeição, querendo ser o que não são, querendo alterar o conceito da palavra “humana”, quando ela foi criada para procriar e não para marginalizar, como fazem aqueles que vestem as vestes de uma instituição que ofende a palavra “Igreja”. Tinha que fazer algo. Solicitei uma audiência com o Papa, uma audiência que me foi negada. Peguei, então, em toda a documentação e fi-la chegar ao Vaticano por correio expresso, esperando que chegasse às mãos do Papa para que ele próprio lesse os abusos por mim denunciados. Talvez a consciência lhe ditasse que deveria fazer menos viagens apregoando a sua ideologia, para que ele próprio não se confinasse às inúmeras reuniões que fazem com homens de poder, mas que já vimos por experiência da vida e dos anos passados que apenas resultam em abusos de poder, em falas, muitas falas, mas, igualmente, em muito poucas acções.

Os dias passam, os meses também e todos os dias vejo a caixa do correio, mas nada. Nem resposta da organização, nem resposta do Vaticano, já era de esperar, são tantas as burocracias, são tantos os entraves para fazer chegar uns documentos a quem de direito, para falar com quem de direito, que a esperança de ver um mundo melhor vai-se perdendo, ficando apenas a vontade do querer...

Continuo no meu trabalho social, interventivo e ajudando quem mais necessita. Vou sabendo notícias de fora, das mulheres que deixei para trás, das crianças que brincam inocentemente nas ruas e fazem chinelos com garrafas de água e as notícias são sempre as mesmas, os abusos continuam, a degradação humana continua, a falta de meios e bens essenciais continuam, enfim... parece ser uma incessante luta sem fim...

Fecho-me muitas vezes em casa, fico a escrever as minhas memórias, estas que talvez dê ao mundo, um dia, quem sabe, a conhecer. Estas que escrevo denunciando



os males das várias sociedades que se confinam a uma, a dita globalizada. Memórias que foram escritas pelo meu pai, memórias da minha mãe, de mulheres várias, de experiências de vida, as minhas memórias, aquelas que me foram deixadas como legado, aquelas a que eu me agarro para ter forças para não pensar num passado que já foi, numa filha que tive e não toquei, num amor que tive e me enganei, num pai que tive e se foi, memórias de vidas várias em que a minha se inclui e dela também faz parte...



VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Nunca mais me apaixonei, o receio de ser novamente enganada era maior do que a vontade que tinha em me apaixonar, de me querer sentir num estado de sensata loucura e imperfeita lucidez. Mas não mandamos no nosso coração, as emoções não podem ser racionalizadas, por mais que queiramos, são emoções e não razões, por isso, atraícoei-me e voltei a apaixonar-me, a sentir aquele aperto na barriga, a sentir aquele delírio que nos faz saber que estamos vivas, que nos faz sentir que a emoção é demasiadamente forte para não a gozarmos na sua plenitude...fiquei novamente num estado de perfeita imperfeição.

Bem sei que a paixão tolda-nos a mente, ficamos cegos e a adolescência evidencia-se novamente, é como se não houvesse consequências para os saudáveis disparates que fazemos, mas existem, no entanto, são tão pouco importantes face ao que sentimos, que as ignoramos com uma inabalável facilidade.

É assim a paixão, é um estado de Alma que se alimenta de ilusões, de fantasmas, de feitos que nos fazem sentir bem, de tudo poder ser feito e tudo poder ser sentido. É a melhor dor que se sente, é a saudade que nos visita, é aquela angústia de querer mais, de querer voltar a vê-lo, de estar constantemente com ele, é o pensamento pertencer-lhe sem conseguirmos tomar conta dele, é tudo, tudo o que nos faz sorrir, chorar de dor, mas uma dor boa de sentir, assim é a paixão. Assim estou eu, novamente...

No meio deste sensato tormento decido tomar algumas precauções, nomeadamente no que diz respeito à vida



em conjunto, mas também à minha casa que decidi nunca vendê-la, por experiência já bastava a primeira, seria insensato cometer o mesmo erro duas vezes, afinal, teria muito por onde errar, teria muitos caminhos pela frente que iriam permitir desencontrar-me, mas também, permitir-me aprender a crescer...assim, ali seria o meu refúgio, o meu aconchego, a minha solidão e também um lugar de reflexão.

Sensivelmente cinco anos mais tarde, decidimos viver em conjunto, ele sabia da minha decisão em relação à minha casa e respeitou-a, assim, fui viver para a casa dele, mas tendo sempre a minha casa como porto seguro. O meu passado perseguia-me, talvez sim ou talvez não, talvez fosse apenas o receio de passar novamente pelo que passei, mas sentia-me mais segura ao agir deste modo. Não que fosse salvaguardar algo, a casa não podia proteger-me dos sentimentos, ou das dores ou flagelo que a vida me deu, mas seria uma espécie de abrigo interior que apenas entrava quem eu deixasse e, neste ponto de vista, nunca entrou lá ninguém, nem o actual namorado com quem agora estou a viver, nunca o consenti, nunca o permiti...

Um ano após a nossa união ele ficou desempregado, o dinheiro começou a faltar, pois quando éramos os dois a trabalhar o dinheiro dava e sobrava, agora são duas bocas, duas casas, dois carros, enfim, tudo a duplicar e, apenas um ordenado a entrar. Foi quando ele colocou a hipótese de eu vender a minha casa, mas bati sempre o pé: - Não! Dizia eu.

Começaram, assim, alguns conflitos interiores, alguns conflitos machistas. Ele começou a culpar-me da vida que tinha, eu desculpava-o, afinal, também eu não gostaria de estar na sua situação, tentava ajudá-lo, tentava compreendê-lo mas, costuma-se dizer que: *“onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão”*. As nossas discussões começaram a acentuar-se e a minha casa começou a ser o meu porto de abrigo, aquele que eu nunca deixei, como se o meu passado estivesse todo lá, assim como o presente e também o futuro.



Um dia, quando chegou de uma entrevista de trabalho e depois de mais um redondo “não” ele começou a ver a vida a complicar-se e, uma vez mais, tentou persuadir-me a vender a minha casa para pagarmos esta onde vivíamos, começou por falar num tom calmo e suave, tentando fazer-me compreender que nada do meu passado voltaria a repetir-se, o passado era passado, teríamos que viver o presente, semear bem o presente para colher, igualmente, bem no futuro, mas eu estava decidida, a minha resposta era sempre a mesma: Não! A voz dele alterara-se e começara a culpar-me de tudo, tudo mesmo, era como se ele não fosse culpado de nada. Se a vida lhe corresse bem ele era o responsável mas, se lhe corresse mal a responsável era eu, comecei a interiorizar essa culpa, comecei a sentir-me, de facto, culpada por poder melhorar a nossa situação financeira mas não o fazer, comecei a sentir que talvez fosse um capricho meu, mas havia vezes em que a revolta tomava conta de mim e acabava por sentir cada vez mais que a minha decisão era a correcta.

Depois de uma violenta discussão e de várias culpas atiradas à cara, vários nomes trocados num tom ofensivo, decidi sair porta fora e ir para o meu canto, para o meu refúgio, para a minha casa. Deixei-me ficar por lá nessa noite, uma noite que me fez reflectir em tudo o que foi dito, em tudo o que foi feito e em tudo o que poderia ter sido feito, mas não foi.

No dia seguinte levantei-me bem cedo, tomei um banho e fui ter com ele. Estava cabisbaixo, entrei e nada lhe disse, apenas peguei na minha mala de trabalho e saí em direcção ao mesmo. À noite, quando cheguei, pediu-me desculpa, mais uma desculpa que eu perdoei, mais uma justificação absolvida mas, as discussões começavam a ser cada vez mais acentuadas, as ofensas cada vez maiores, e eu acabava sempre por o perdoar, no fundo, sabia que tinha a minha quota-parte de culpa, afinal, bastava ceder na venda da casa para tudo se resolver. Dei um tempo a mim mesma e pedi-lhe, igualmente,



esse tempo, expliquei-lhe que iria reflectir e ele parece ter ficado diferente, voltando a ser o homem que conheci antes do seu desemprego.

Após uma semana falei com ele e acabei por ceder, decidi vender a casa e colocar um ponto final numa situação que facilmente seria resolvida com a venda da mesma. Não estava certa do que estava a fazer, mas queria que as discussões parassem.

Ele sabia que acabava por ter tudo de mim, bastava tratar-me na “palminha das mãos” como se costuma dizer, e ele teria sempre tudo de mim, sou assim por natureza própria. Agora e após decisão tomada, sentia-me aliviada, sentia que a nossa vida voltaria a ser a mesma, a paixão regressaria, a estabilidade emocional também e as ofensas parariam.

Não foi muito difícil vender a casa, acabou por ser um negócio rentável, pois amortizámos a actual casa onde vivíamos e conseguimos estabilizar por algum tempo a nossa situação financeira. Durante uns tempos a paz reinou, o amor e a compreensão tomou conta dos nossos corpos, a paixão esfriou, mas o amor ficou.

No entanto, não foi preciso muito tempo para a sua atitude voltar a mudar, depois de outras tantas entrevistas de trabalho terem sido negadas, começou a ficar com um feitio agressivo, outras vezes apático, outras ainda desesperado, como se fosse uma criança que precisasse de colo, eu tentava ajudá-lo mas muitas vezes em vão.

Ele sabia que sendo o homem da casa lhe estava a faltar o controlo, e eu sabia que isso o machucava e diminuía, estúpido dizer isto, mas era o machismo a vir ao de cima, eram as suas bases que renasciam sempre que algo não estava de acordo com a sua condição de vida ou, quando algum obstáculo lhe obstruía a via, sim, obstáculo, porque ele nunca via desafios na sua vida, eram sempre obstáculos difíceis de derrubar ou até impossíveis, tentava demovê-lo desse pensamento pequeno, tentava



chamá-lo à razão, mas a sua teimosia era maior que a vontade de mudar.

A falta de trabalho e perspectivas de futuro denunciavam-no novamente em pequenas atitudes ofensivas para com a minha pessoa. Era novamente a culpada por ele não ter trabalho, novas injúrias e calúnias chegavam à minha pessoa de forma calamitosa, estava à beira de um ataque de nervos, de revolta, de tudo...

Agora não tinha o meu refúgio, o meu canto, a minha casa, vendi-a para o ajudar a ultrapassar uma fase que afinal não é uma fase mas um estado incondicional da sua vida. Porque será que as pessoas mudam tanto quando se juntam? Porque será que quando namoram as coisas estão sempre bem? Porque será que a partilha é sempre um ponto de discórdia quando deveria ser isso mesmo, uma agradável partilha?! Estou de rastos, as ofensas estão a dar cabo de mim e eu não tenho o meu refúgio, agora o único abrigo é a minha escrita, é ela que me ouve e me chama para me acalmar, que me ampara e protege, me compreende e perdoa.

Como é possível? Não vês que não tens esse direito, ninguém te dá o direito de me magoares... magoares quem te ama, magoares quem mais te protege, quem mais te ampara, ninguém te deu esse direito e tu assumiste-o como se fosse teu, como se eu fosse o teu objecto que mimas quando entendes e estragas quando, igualmente, bem entendes.

Mais um pedido de desculpa, mais uma desculpa aceite, mas o meu coração quebra-se em pedaços cada vez mais pequenos, porque as desculpas são e serão sempre aceites, mas o esquecimento do feito feito jamais será esquecido.

As tuas injúrias para com a minha pessoa são cada vez mais acutilantes, sei que nada represento para ti a não ser a culpa de estares como estás, de seres como és e até de vires a ser o que um dia serás, tens sempre que culpar



alguém, és incapaz de assumir todo e qualquer acto, és incapaz de ser alguém porque de facto tu não és ninguém, és apenas um triste coitado que me chupou todo o amor que por ti tinha, e apenas me deixaste o único sentimento que não se deve ter por humano algum, pena.

Tenho pena de ti, tenho até pena de mim, por não me conseguir libertar de ti, por não ter forças, por recear o que nada devo recear, por temer o que nada devo temer, mas temo porque és o meu alicerce, a minha família construída e que jamais quereirei destruí-la, por isso, me protejo, me protejo das tuas calúnias, das tuas injúrias que já são tantas que em tempos gritava e barafustava, mas agora, agora o tempo cuidou de mim e habituou-me a ouvi-las calada, como se em tempos elas me tocassem e me fizessem explodir de raiva e revolta, agora apenas as oiço, oiço elas baterem em mim mas sem conseguirem fazer-me chorar, sem conseguirem-me revoltar, é isso, até a raiva e a revolta se cansaram e se foram, apenas eu aqui estou, para ouvi-las, ouvi-las calada com pena de ti, com pena de mim e da vida...

E, que vida!

Uma vida repleta de uma busca incessante de felicidade, de uma paz que apenas pede calma, amor, carinho, serenidade e até satisfação por me veres feliz, mas não, não consegues ver ninguém feliz, não consegues sequer imaginar que alguém ao teu lado possa estar feliz, pois no momento imediatamente a seguir culpas essas mesmas pessoas da tua infelicidade, como se ela fosse a culpada e tu o inocente. Cala-te seu desgraçado, cala-te pois és tu, és tu o único culpado da vida que tens, da vida que levas e da vida que fazes os outros passarem, lutas para ter tudo e não vês que o tudo já o tens, e apenas estas a perder esse tudo que não vês porque estás cego de cobiça, cego, cego...

E, sabes uma coisa?!

Aquilo que mais me preocupa é o facto de te desculpar, desculpo-te sempre, embora jamais esqueça, mas o que é um facto, é que te desculpo, como se já fizesse parte



de mim, como se as tuas atitudes fossem naturais, como se fossem actos perfeitamente habituais, por isso me assusto, me atemorizo por pensar que tudo é normal. Chego até a pensar que sou mesmo culpada, culpada da vida que levo, da vida que tens, da vida que levamos, que temos mas não vivemos.

Peço-te ao menos que me soltes.

Solta-me das tuas garras sem braços, da tua boca sem beijo, solta-me do teu corpo sem toque, mas solta-me.

Conseguiste!

Conseguiste, finalmente, apagar todo o amor que sentia por ti e, infelizmente, conseguiste à custa do amor que por mim também eu sentia. Foi preciso deixar de me amar, de gostar de mim mesma, para perceber que, afinal, também tu não vales o amor que por ti tenho...ou por outra, que por ti tinha.

És cruelmente reles, tens maldade dentro de ti e apenas te satisfazes quando ferras o teu espinho e sentes que ferraste com vontade de magoar, só assim te consegues deliciar, só assim te acalmas, pedes desculpa para depois, mais tarde, voltares a ferrar o ferrão que te faz vibrar.

Chega! Não aguento mais, chega!

Saí porta fora e caminhei longas horas pelas ruas despidas de gente.



SUICÍDIO

Sentei-me num banco onde apenas uma senhora estava. Ela escrevia e escrevia, não parava de escrever, é como se as ideias pudessem ter pernas para fugir, ou asas para voar e ela não tivesse sequer tempo de as agarrar, para poder escrever no papel todas as palavras que queria escrever. Que história seria aquela que ela escrevia sem parar? Estava curiosa e por instantes afastei o meu tormento para cuidar apenas daquela mão que pegava numa caneta e escrevia incessantemente sem cansar.

De repente, ela parou e olhou para mim. Olhou-me e acariciou-me a face como se estivesse a cuidar de mim, como se fosse um anjo que estava ali para me proteger. Nada disse, apenas olhava meigamente para a minha pessoa, deixando escapar uma lágrima e depois outra e mais outra... deu-me todas as folhas que tinha com ela, todos os cadernos escritos com várias mãos, várias histórias compiladas numa única, e quando comecei a ler, apercebi-me que eram os meus escritos, os escritos do meu pai sobre a minha mãe, sobre a sua e a minha vida, sobre vidas várias e sonhos meus, eram os meus escritos... fiquei confusa, olhei para o lado e começo a ver muitas pessoas em meu redor, uma ambulância a chegar e eu sem saber o que se estava a passar, fiquei ainda mais perturbada, mais confusa, queria perceber o que se estava a passar, quem era aquela mulher, como tinha ela os meus escritos, queria respostas mas apenas encontrava perguntas.

Foi quando me apercebi que aquela senhora era eu, era o meu corpo, pois a minha Alma apenas observava de longe todo um pesadelo vivido, apercebi-me que me deitara num



banco de um jardim, denunciei-me com um frasco inteiro de comprimidos que tomara e ali ficara, queria dormir sem mais acordar, queria sonhar sem pesadelos ter, queria viver, viver, viver...mas sem sofrer...



Acordei numa cama de hospital.

Doía-me o estômago, ao que parece fizeram-me uma lavagem ao estômago, tinha tentado o suicídio, nem parecia meu...

Eu que sempre lutara pela vida, eu que nunca baixara os braços, antes pelo contrário, sempre ajudava quem mais necessitava, denunciava injustiças, lutava pela vida de terceiros...como foi possível passar-me tal acto pela cabeça? Devia estar num desespero sem precedentes, esgotada até, para tentar o suicídio. Terá sido cobardia? Ou terá sido um acto de coragem? Não sei! Ou terá sido um misto das duas? Também não sei! Apenas sei que o desespero tomou conta de mim, sentia-me esgotada, os pensamentos não fluíam, atropelavam-se uns aos outros, queria estar sozinha, metida comigo mesma, sem gente ao meu redor, não queria ver ninguém, muito menos conversar, só queria que me deixassem, que me esquecessem, só queria ficar, assim... apática do mundo, da vida e de mim.

Uma pessoa bateu na porta do quarto onde me encontrava, era ele, trazia-me um ramo de flores campestres, aquelas que eu mais gosto, denunciava-se culpado e sem palavras o seu olhar pedia perdão, mais um perdão, mais uma culpa desculpada, mas uma ferida aberta e nunca sarada. Todo um passado passou pela minha cabeça, a minha primeira entrega, a minha filha roubada, a minha segunda entrega, esta, também, completamente falhada. Não o queria ver, aliás, não queria ver ninguém. Senti-me agitada e a enfermeira pediu-lhe para sair.

Mais tarde recebo a visita de uma colega de trabalho, uma colega de que nunca falei, por saber que um dia ela falaria por mim. Acho que chegou esse dia, essa hora, eu



não queria estar ali, estava sem forças para lutar, não queria viver mais, queria ir ao encontro da minha mãe, do meu pai e, se possível, conseguir olhar lá de cima pela minha filha perdida, era isto que eu queria, era assim que me sentia, foi isso que decidi, por isso, pereci.



TESTEMUNHO

Sentei-me ao seu lado. Sabia o quanto já sofrera, o quanto a sua mãe, igualmente, sofrera, sabia tudo sobre o seu pai, dos testemunhos e legado que deixou. Sabia que eu apenas poderia aparecer para escrever as suas últimas palavras, o seu último grito de esperança por uma vida melhor, aquela que ela tentou viver e não alcançou, mas consegui que muitas pessoas conquistassem um modo de vida mais digno, aquele que é desprezado pelo poder, pelos governantes que nada governam a não ser governarem-se a si próprios.

Escrevo as últimas palavras da Alma, uma mulher que nasceu da dor de uma outra mulher, aquela que foi mutilada, vendida, violada e por fim, lapidada. Uma mulher que pariu uma menina de nome Alma, e por opção do seu marido lhe tirara a filha, vendendo-a. O segundo pai da Alma conseguiu ser mais pai que o pai que a germinou. Foi a única coisa boa que aconteceu no mundo da sua mãe. Por sua vez, Alma sofreu um rapto e a perda de um órgão importante do seu corpo, também se apaixonara pelo homem errado e ficara sem a sua filha, por o homem por quem se apaixonara a ter vendido.

Entre vidas sofridas e mutiladas, houve muitas premonições, pressentimentos e sonhos de verdades escondidas, camufladas mas desnudadas pela força da Alma. Ao fim da sua segunda paixão e de ter chegado a um estado de completa apatia para com o mundo, para com a vida e para com ela própria, decide colocar termo à sua vida, não aguentou a pressão psicológica que esta segunda paixão lhe trouxe, entrando assim, num profundo estado de exaustão, um esgotamento que



insistiu nela habitar, não a deixando retomar a sua vida, porque ela, também, assim o quis.

E agora, aqui estou, como testemunha de um legado que me deixou, aquele que considero mais valioso...O legado da sua família, da sua vida, da sua história. Um legado que prometi publicar, para que a sua vida não passe indiferente a este mundo de indiferenças.

Será a representação da sua Mãe, a Sua representação e a representação de todas as Mulheres que ainda sofrem as atrocidades ditas humanas. Será o exemplo de Mulher, um exemplo de Vida que terminou com a própria Vida por se esgotar na Vida de terceiros, mas será sempre recordada, lembrada, será sempre a Alma de alguém, através de um legado deixado, igualmente, por alguém, que perto de si, não é ninguém.

Assim farei, publicar-te-ei, Alma!

P'Alma

Ana...



ÍNDICE

Prefácio de Luís Fernando Graça	5
Palavras prévias	9
Mutilação Genital	11
Vendida	15
Violada	21
O Sonho	31
O Parto	35
Amparada	39
Denunciada	47
Lapidada	51
Adopção	55
A Viagem	57
Raptadas	61
Minas Terrestres	65
Tráfico de Órgãos Humanos	69
O Legado	73
Apaixonada	77
A Notícia	81
Infanticídio Feminino	85
A Gravidez	89
Tráfico Humano	95
Dar a Volta por Cima...	101
Barrigas de Aluguer	103
O Regresso	109
Violência Psicológica	113
Suicídio	121
Testemunho	125
Índice	127

